

JOEL OLIVEIRA

RUA BARROSO, 14

TERESINA

# LITERICULTURA

Publicação mensal



CASA "ANISIO BRITO"

(Biblioteca Publica)

TERESINA

Typographia Paz

Therézina—PIAUHY

1912

## Advogados:

babilidades de  
 centra toda  
 cussão 9  
 (obr.  
 on

Elias Olympio. Rua Coronel Lysandro Nogueira 3  
 Cronwell Carvalho. \* \* \* \* \*  
 Themistocles Avellino. \* \* \* \* \*  
 Cleoaldo Freitas. \* \* \* \* \*  
 Miguel Rosa. \* \* \* \* \*  
 Valdivino Tio. Praça Uruguayana.  
 Hygino Cunha. Rua Elyson Martins.  
 João Santos. Praça Aquidaban.  
 Carvalho Filho. Rua Dr. Alvaro Mendes.  
 J. J. Pereira da Silva. \* \* \* \* \*  
 Simplicio Mendes. Rua Theodoro Pacheco.  
 Francisco Parentes. \* \* \* \* \*  
 Augusto Britto \* \* \* \* \*  
 Mario José Baptista \* \* \* \* \*  
 G. Castro Cavalcanti. Rua Barroso.  
 Francisco Falcão Costa. Rua Paysandú 4  
 Alberto Correia Lima. Rua Paysandú 41

## Medicos:

Dr. Ribeiro Gonçalves. Praça Marechal Deodoro.  
 Dr. Bonifacio Carvalho \* \* \* \* \*  
 Dr. João Virgilio. Rua Theodoro Pacheco  
 Dr. R. Teixeira \* \* \* \* \*  
 Dr. Vaz da Silveira. Rua Coelho Rodrigues.

## Dentistas:

João Pinheiro. Rua Alvaro Mendes.  
 A. Mendes de Carvalho. Rua Theodoro Pacheco.  
 J. Climaco Filho.  
 José Rocha. Rua Coronel Lysandro Nogueira.  
 Raymundo Quedes. 1/2 Rua Paysandú.



# LITERICULTURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

SECRETARIO  
Abdias Neves

DIRECTOR MENSAL  
Mathias Olympio

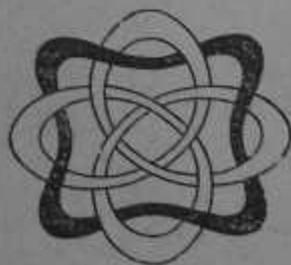
THESOUREIRO  
Simplicio Mendes

Redactores e Collaboradores diversos

## ASSIGNATURA

Um anno (para a capital) . . . . .	10\$000
Para o interior, outros Estados e estrangeiro . . . . .	12\$000
Numero avulso . . . . .	1\$000

CASA "ANSIO BRITO".  
(Biblioteca Publica)  
TERESINA



Typographia Paz

Therezina - PIAUHY

1912

# Summario

- I—As tyrannias Sociaes—Clodoaldo Freitas
- II—Religião—Augusto Ewerton e Silva
- III—Direito de Sucessão—Mario José Baptista
- IV—José Apollonio—João Pinheiro
- V—Poema antigo—Lucidio Freitas
- VI—A Arvore—Augusto Ewerton e Silva
- VII—Cuore—João Pinheiro
- VIII—Jurisprudencia—Arthur Furtado
- IX—Revolta Sangrenta—Oliveira Roma
- X—Direito Constitucional—Mathias Olympio
- XI—O rio—U. Brandão
- XII—Notas e Impressões—Simplicio Mendes
- XIII—Typos e Factos—Abdias Neves

CASA "AMBRO SOTO"  
(Biblioteca Pública)  
TERESINA

Nunca o erro nos deixa em liberdade,  
Mas dentro em nós vive um desejo ardente,  
Que o espírito nos guia lentamente  
Às regiões mais altas da verdade.

Goethe.

## As tyrannias sociaes

### III

Nada é mais estúpido e contradictorio do que essas crenças sobre os meritos e virtudes humanas perante a divindade. Ser mau para o proximo é um crime hediondo, que leva ao inferno, lugar de padecimentos eternos. Ser mau para si, é uma virtude, que leva ao ceo, lugar de gosos eternos. O homem pode flagellar-se, torturar-se, soffrer voluntariamente toda casta de soffrimentos e isto é um acto justo, meritorio, agradavel a Deus, que o recebe com amor; mas o menor mal feito ao proximo, é um crime que Deus pune severamente! Ser bom para si é um crime; ser bom para os outros uma virtude. De sorte que o homem, bom para si e mau para os outros, é um reprobado; o homem mau para si e bom para os outros, é um santo! Deus assim o exige em premio da eterna bemaventurança!

Deus é mau para si e bom para nós? Não. Deus não é e nem pode ser mau para si, porque Deus não pode ser mau e não pode soffrer. Porque exige que sejamos maus para nós e nos privemos de todos os gosos mundanos, quando elle se não priva de de cousa alguma? Em que o nosso sacrificio lhe pode ser agradavel? O nosso primeiro dever é a nossa conservação. Mas Deus diz que o nosso primeiro dever é conservar os outros. Devemos acabrunhar-nos de tormentos e de dores. Neste caso, devemos suicidar-nos? Nenhum mal, na vida, se equipara á morte. Logo, sendo o supremo mal a morte, e como devemos procurar todos os grandes males no intuito de ser agradaveis a Deus, que se alegra com os nossos males, devemos procurar a morte. O suicidio, pois, é um bem.

O crente soffre neste mundo para gosar no outro; soffre passageiramente, para gosar eternamente. Padecer o que? Gosar o que? O crente se leva pelas ficções poeticas que os christãos herdaram das velhas crenças platonicas e radicadas no paganismo grego-romano. Onde a prova do inferno? Onde a prova do ceo?

Não importa. O crente não indaga pela logica e pela razão das cousas. O crente crê e nada mais. Desde a mais remota antiguidade as lendas formaram, no centro da terra, um poiso profundo, onde as almas dos que morrem vão agglomerar-se na vida eterna.

Os Egypcios, os Persas, os Judeos tiveram seus infernos, mais ou menos pavorosos.

Platão, cuja imaginação era tão ardente, nos seus livros—*Phedon* e *Republica*—traça desassombadamente o quadro das instituições infernaes, com a segurança de um verdadeiro historiador. De Platão, o inferno, com seus apavorantes tormentos, veio até nós, dramatizado pelo genio dos poetas.

Virgilio faz o seu heroe visitar o reino das trevas, que descreve minuciosamente, como um país conhecido. O christianismo, producto lidimo do meio grego-romano, não tardou a abraçar o inferno platónico, e, dali, essa criação actual do inferno catholico, um lugar de supplicios ridiculos, barbaros, proprios de um Deus idiota. O inferno catholico é o inferno pagão. Os padres não procuraram encobrir a imitação. Eusebio mostrou a conformidade das ideas do philosopho grego e dos dogmas do christianismo. S. Justino baseia-se tambem nas palavras de Platão. S. Gregorio Naziano invoca a mesma autoridade. S. Clemente de Alexandria nas suas «*Stromates*» escreve: Quanto aos castigos que hão de soffrer os maus depois da morte, quanto á pena de fogo, fomos ensinados pela philosophia e pela poesia dos gregos, que aprenderam da philosophia dos barbaros.

Tertuliano tambem reconhece a semelhança que ha entre as ficções dos poetas, as hypotheses dos philosophos e o dogma christão, e, para explicar essa conformidade, é obrigado a admitir que a philosophia grega tinha feito extractos das ideas christans, explicação assás interessante, porque Tertuliano não podia ignorar que estas eram muito mais modernas que as doutrinas philosophicas da Grecia. Minucio Felix dá uma explicação que, ao menos, não produz anachronismos. Os homens, diz elle, foram outr'ora advertidos pelos escriptos dos sabios e pelos oraculos da poesia de que existem um rio de fogo e um pantano ardente, preparados para servirem de supplicio eterno aos maus. Essas cousas foram sabidas por meio dos demonios e prophetas e é por isto que os poetas fazem Jupiter jurar pelas praias ardentes e pelas trevas do abysmo.

Uma vez acceitas estas ideas gregas, o inferno tornou-se, aos olhos dos christãos, um lugar subterraneo e tenebroso, onde os condemnados soffrem horriveis supplicios da parte dos demonios. É essa a opinião de todos os primeiros padres da egreja: S. Justino, S. Irineo, Tertuliano, Lactancio, S. Athanasio, S. Basilio, S. Cyrillo de Alexandria, S. Izidoro de Sevilha, S. Je-

ronymo. A medida que se vae seguindo o desenvolvimento desse dogma, desde os Evangelhos, Epistolas de S. Judas, de S. Polycarpo, até os escriptos dos seculos 5.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup>, vê-se a antiga crença publica gradualmente ganhar novos detalhes tirados das ideas hellenicis. (1)

Compreende-se facilmente quão fragil e fantastica é a crença em semelhante mytho, estranho em absoluto á experimentação e á prova.

Ha uma ordem de ideas em que os ignorantes e selvagens tem mais plausibilidades de acerto do que os sabios, porque, justamente, o ignorante e o selvagem as idealizam melhor e as concebem mais naturalmente. Estas grandes ideas sobrenaturaes, que absorvem a alma e sentidos dos venturosos crentes, entram no cyclo dellas. Para conceber um mundo subterraneo, onde a vida e a personalidade humanas continuem, depois da morte, na integridade dos seus sentidos, é preciso o cerebro de um selvagem. Os poetas para os quaes não ha impossiveis, apanham, depois, a idea, e a rendilham com as filigranas da sua opulenta imaginação, vivificando-a com cores tão attraentes e naturaes, que seduzem e dominam aos seus primitivos criadores. Mas a verdade é que tudo isto não passa de mera criação da fantasia. A sciencia de todos os tempos prescutoou no seio da terra materias igneas em ebullição. Deste facto scientifico, os poetas deduziram o facto poetico desse reino povoado de almas, votadas aos supplicios eternos, como nós outros, nesta vida, somos condemnados e punidos nos presidios e cadeias por nossos crimes. Os supplicios do inferno, diz o dr. L. Nass, são uma collecção de supplicios variados, reproduzindo os que os homens inventaram: rodas atreladas por demonios, que moem e esmagam os miseros condemnados; caldeiras, espetos, onde são cosidos, assados a fogo lento; a tortura da prova d'agua, durante a qual o ventre incha desmedidamente; forcas e patibulos em profusão. Aqui obrigam uma mulher a comer o coração do amante (lenda do coração, tradição antiga); ali desancam um homem sobre uma sebe aguçada. Mais alem, uma mulher banha-se em uma tina cheia de sangue, ao passo que, ao lado, uns casados, que dormem em bom leito, são opprimidos por pesadelo.

Tambem aqui, como no purgatorio, o demonio tem formas extravagantes. Pertencem, principalmente, á especie Iatrichia. (2)

(1) Vide Alfredo Maury. O Inferno, trad. brasileira, p. 43 e seg.

(2) Dr. Luciano Nass, Le correspondant medical, n. 163 de Fevereiro de 1908 p. II.

O fundo de verdade que ha no inferno catholico ou platónico, ha no inferno dantesco. Seria sensato o individuo que chamasse ficção a maravilhosa obra de Dante e affirmasse ser um facto real o inferno catholico? Estamos aqui em pleno dominio da fantasia, nas paragens povoadas pelos sonhos, embellezadas pela poesia, onde as religiões fructificam como em terreno adequado.

Esse inferno, tal como nol-o inculcam ao nosso terror, é a negação completa do Deus de que é o espantallo. Os pobres crentes, que se assustam com a perspectiva das caldeiras e dos espetos ardentes, se esquecem que temem seu sonho e se ferem com as armas da sua propria invenção. As virtudes guerreiras de D. Quixote não tinham outras origens e outros merecimentos!

O famoso heroe manchego era um impulsivo, um pobre doente da sua fantasia. Os crentes, como o cavalleiro hespanhol, lutam em combates tão terribes contra gigantes produzidos unicamente pela sua imaginação. Onde, na realidade, o demonio e o inferno? Jesus fallou, é verdade, no inferno, nas trevas exteriores, no ranger de dentes dos condemnados. Mas, como sempre, Jesus usava de uma metaphora e nada mais, como Origenes e S. Agostinho entendiam.

O inferno, em todo caso, não foi descripto nos Evangelhos e Jesus não detalhou a natureza dos supplicios dos condemnados. Não faltou em todos os tempos quem procurasse explicar esses supplicios ao ponto de vista moral, mesmo pela impossibilidade natural de uma alma poder soffrer-l-os materialmente. A alma, de facto, sendo um «puro espirito,» como pode ser susceptivel de dor, producto dos sentidos?

O fogo, tal como o concebemos, pode atormentar um espirito? Que inferno é esse de que fallou Jesus? Jesus não nol-o disse. Falla em choro e ranger de dentes dos que forem lançados fora do reino de Deus. S. Lucas, cap. 13, v. 28; S. Matheos, cap. 8, v. 12.

Antes do captiveiro de Babylonia, diz A. Maury, os judeos não distinguiam a habitação dos mortos, segundo as acções, que tinham praticado sobre a terra. A sombra de Samuel, evocada pela pythonisa de Endor, sahe da terra onde habita com as almas vulgares. O psalmo 59 annuncia a separação dos bons e dos maus no Scheol e o psalmo 49 indica que, no tempo em que foi redigido, suppunha-se que Deus livrava a alma do justo do poder do Scheol. Mas, verdadeiramente, não existia uma crença systematisada como a crença dos persas, de cujo meio os judeos trouxeram um inferno desenvolvido, poetico, terrivel.

Jesus, pois, referia-se, sem duvida, ás ideas correntes e.n seu tempo sobre o inferno. Esse inferno, imitado do inferno persa, era assim conhecido: Os maus, esperando seus destinos ul-

teriores, eram atirados, abaixo dos justos, no abysmo profundo. E' o que confirmam as passagens de Job e dos Prophe'as. Vêm-se ali reunidos, e, ao mesmo tempo, separados, o Scheol, o inferno e o Abaddon, lugar de castigo. Estes termos não são synonimos e seu emprego simultaneo nas mesmas phrases dá a entender que o sentido que se attribuia respectivamente a cada um delles era differente.

Muitas vezes a palavra Scheol era tomada pelo mundo subterraneo dos mortos em geral; mas, em diversas passagens, é positivamente empregada para designar o lugar de expectativa, onde descansavam as almas dos justos, por opposição ao Abaddon morada eterna dos reprobos. O Abaddon recebe ainda o nome de Scheol profundo no Deuteronomio e nos Psalmos; o de cova profunda tambem nos Psalmos e em Jeremias; Ezechiel lhe chama terra de profundidade e o psalmista—poço de perdição. Assim o Scheol e o Abaddon formavam dois infernos distinctos, cavados um por cima do outro, por assim dizer e destinados, o primeiro como lugar de expectativa para as almas dos justos; e o segundo a titulo de prisão eterna para as almas dos maus. Abysmos separavam essas moradas.

Sabe-se, afinal, pelos livros gregos do Antigo Testamento, pelos do Novo Testamento e pelos commentarios dos antigos rabbins, que os heroes admittiam positivamente uma «gehenna» superior, tambem denominada Seio de Abrahão, Thesouro dos vivos, Jardim do Eden: era o Scheol propriamente dito; e uma «gehenna» inferior, lugar de trevas, de esquecimento e de horror, poço, cova, abysmo sem fundo, que era o Abaddon.

Um correspondia ao Duzakh dos persas, outro a Hamestan. (1).

Esse era, em seus traços geraes, o inferno conhecido por Jesus. E' este o inferno catholico? Todos sabemos o que os padres dizem do inferno, onde as almas dos que elles condemnam vão padecer eternamente, sem remissão possível. Esse inferno é o que Huyghes de S. Victor definia—«infinus locus est sine mensura, profundus sine fundo.» (De anima, liv. 4) O geometra Dionysodoro, em carta que escreveu do outro mundo, affirma ter descido ao lugar mais baixo da terra, na distancia de 42000 estadios. Nessas profundidades, segundo o autor do livro aristotelico «De Caeto,» sabemos que Phythagoras punha o centro do universo e um fogo perpetuo que elle chamava carcere de Jupiter. Os padres da igreja, imbuidos nessas superstições, tomavam os vulcões por boccas do infer-

(1) Vide A. Maury. Obra cit. p. 47.

no. O Vesúvio, o Etna são descriptos pelos poetas como respiradores do Tartaro. Tertuliano, os actos do martyrio de S. Piono, S. Gregório, o grande, Pedro Damião e grande numero de escolasticos, enunciam a mesma opinião. O Hecla foi, na idade media, olhado por certos escriptores como a bocca do inferno.

Nada mais phantasmagorico e ridiculo do que as descrições catholicas do inferno. Como modelo, transcrevo duas citadas por A Maury.

Diz S. Boaventura: «Locus verus infernalis absque dubio est sub terra deorsum in quo omnes reprobi eternaliter affligentur, tum homines quam spiritus mali, sub eodem igni materiali qui semper affliget damnator nec consumet, secundam exigentiam meritorum, excrucians omnes sensus, nec solus ignis reprobis inflammabit sed et cetera elementa confusa et permixta in reprobis convertentur, ita quod erit ibi ignis ordens, aqua congelans, aer inquietus et pertubatus et terrae factor. (Centiloq. p. 3 sect. 4.)»

S. Antonio de Padua define: «Ad adoratum factor intolerabilis ex feris illis quas inusit ille ignis conflagrationis. Item ex sulphure horrido, item conscientia marcida generabit factorum maximum. Item vermis qui scaturient ei carnes et similiter tineae. Item serpens horridi qui ingredientur per os. Item fames perpetua. Item silis cruciatus. Ad factum vermis, ignis, frigus, ulcera, tortores, tineae».

Este quadro infernal, de que Jesus, certamente, não cogitou por que é um quadro puramente pagão, copiado grosseiramente do inferno grego-romano, é ridiculo de mais para ser horrendo. E é esse inferno que apavora as almas candidas e dá tamanha somma de poder e de dinheiro ao clero! Os padres mandam todo mundo para o inferno, ao passo que Jesus só considerava irremessivelmente condemnado o blasphemo contra o Espirito-Santo. S. Matheos, cap. 12 v. 32. Todos os demais peccados podem ser peidoados.

Por peccado Jesus entendia enfermidades. S. Math. cap. 9 v. 6. Perdoar um peccado era curar uma enfermidade. Jesus também não exigia sacrificio e sim misericordia. S. Math. cap. 9 v. 13. Assim, para o fogo eterno do inferno, onde ha choro e ranger de dentes, só pode ir quem fallar contra o Espirito Santo, por que todos os outros peccados, isto é, enfermidades, podem ser peidoados isto é, curadas. O inferno pode, afinal, prevalecer depois do sacrificio de Jesus, tendo o sacrificio de Jesus sido, justamente, para nos resgatar do inferno? Si o inferno prevalece contra nós, os christãos ou, melhor, os catholicos, baptisados e chris-mados na egreja de Jesus por um padre representante de Jesus,

para que nos serviu o sacrificio de Jesus? Deu-nos esse sacrificio unicamente as probalidades da salvação? Antes de Jesus ja os justos não iam para o inferno, e os justos passavam desta vida para a vida de alem tumulo directamente para a gloria celestial. Platão, o criador de tanta cousa catholica, ideou um mundo intermediario entre o ceu e o inferno, de que S. Agostinho organisou o purgatorio, um segundo inferno modificado, de castigo temporario, de onde, mediante officios sacerdotaes e dinheiro, podem as almas, purgadas as culpas, entrar no ceo. Mas, no Novo Testamento não ha a minima referencia a esse purgatorio, afinal tão injustificavel como o inferno.

Os selvagens de todos os tempos e lugares tiveram a intuição mais ou menos cruel de um destino para os mortos. Em torno dessa mythologia infernal, teceram as lendas, formaram a poesia em que a crença representa, como sempre, um papel soberano nesses assumptos. Segundo as noções sobre a vida futura era architectado o lugar onde essas almas deviam permanecer eternamente. A noção da immortalidade d'alma varia entre os povos selvagens; mas todos procuram uma explicação para o phenomeno apavorante da morte. Morreremos de todo? Não. Não morremos, porque vemos, em sonho, os que ja morreram. Como? Porque os mortos não morreram totalmente e delles ha uma parte viva que nos apparece e nos falla. A logica do selvagem é muito parecida com a logica do crente. Todos collocavam no centro da terra o inferno. A principio esse inferno não era um lugar propriamente de supplicio; mas um outro mundo semelhante ao nosso, onde as almas viviam como nós vivemos.

Esta crença é que explica o facto de collocarem os selvagens na sepultura, armas, alimentos, objectos da serventia do defunto, suas mulheres, seus escravos, seus cães etc. O facto de cobrirmos de flores nossos mortos, dizermos-lhes adeus, rezarmos por elles, intercedendo pela sua felicidade posthuma, prende-se a esse remoto costume religioso. Em muitas cousas, mesmo nas mais graves e solemnes, somos, sem pensar, selvagens desfarçados!

O inverso do inferno, é o ceo.

A imaginação criou tambem um lugar delicioso, para onde os eleitos vão gosar o premio de suas virtudes. Essas virtudes tinham, como o peccado, uma infinita variedade de formas. O justo, como um heroe, como o guerreiro, como o conquistador, ia para o ceu. Assim na antiguidade, assim nos tempos presentes. Hercules, Abrahão, Moyses, David, Salomão, Cezar, Torquemada, foram uns bandidos, assassinos, devassos; mas, nem por isto, deixaram de receber honras divinas. Os amigos de Jehovah, principalmente os quatro citados, foram grandes criminosos, que

a nossa moral não pode perdoar e muito menos a moral divina, si é que a moral divina, como dizem os padres, se affere pela nossa. No nosso calendario ha santos, verdadeiros bandidos: Pedro Arbues e Gregorio 7.º, por exemplo. Mas o ceo pertence, não ao justo, mas ao sectario. D'ahi a razão de figurarem, entre os eleitos de Deus, individuos da peor especie. O ceo não é só para os pobres de espirito.

Jesus fallava da pompa salomonica do ceo; mas, essa pompa, deve ser bem insignificante, mesmo para seu tempo, quando existiam as cortes asiaticas com seus imperadores divinizados. Si a pompa celestial é parecida com a pompa de Salomão, deve ser, sobretudo para nós, bem mesquinha, principalmente si attendermos para a pobreza e insignificancia do reino do filho de David.

A delicia do ceo é suprema e consiste, sobretudo, no goso da presença real de Deus. Essa presença real de Deus, é uma das mais audaciosas fallacias da improbidade clerical. Para Deus ter presença precisava ter forma, um corpo, uma limitação qualquer no tempo e no espaço.

Ora, Deus não tem nem pode ter limitação, logo não pode ter forma. Logo, Deus não pode ter presença real. Em que, pois, consiste o goso 'dos bemaventurados e a gloria celestial? Nos banquetes, nos passeios, nas palestras eternas. Para tão pouco não valia tanto sacrificio nosso e do proprio Deus. Ha descrições minuciosas do ceo, como as descrições, já falladas, do inferno. Mas, é claro que, umas e outras, são meras fantasias, porque ninguem jamais teve conhecimento dessas paragens, que visitamos pela imaginação e se nos afiguram um prolongamento, em ponto grande, dos gosos terrestres. Podemos, porque somos soffredores, comprehender o soffrimento na sua plenitude; mas não podemos comprehender, nem sequer idealizar, o goso supremo. Que vem a ser o goso absoluto? Para todo mundo a dor é dor, seja uma dor sciatica, seja uma dor de dente; porem o goso varia intensamente de homem para homem. Para um, o goso está na gloria; para outro, na sabedoria; para outro, na obscuridade; para outro no vicio; para outro na virtude; para outro na riqueza. O santo, de facto, não pode ter a eiva desses gosos, porque, a crapula, a embriaguez, o jogo são vicios em antagonismo com a pretenza santidade. Seja. Mas o santo não terá, por ventura, o amor da familia? Figuremos uma dessas santas mulheres zeladoras ferventes de qualquer dos sagrados corações, que por suas virtudes devotas, vae, sem tocar no purgatorio, para o ceo. E' mãe de familia e ama os filhos. Será feliz no ceo sem os filhos, que estejam no inferno? Ou no ceo, não ha ligação terrena? Neste caso, para que as promessas aos santos? Ha

ligações terrenas no ceo, sem duvida, porque a egreja, que sabe muito bem tudo isto, mantem o culto idolatrico dos santos. E' que, no ceo, perdemos somente os laços de sangue e não os laços humanos? Bem pode ser.

Os eleitos são felizes e vivem na presença real de Deus, palestrando com Deus, disculpando os actos divinos e reclamando contra muitos delles. Deus conversa com os eleitos num passatempo encantador, recebendo dia e noite adorações de toda sua vastissima e deslumbrante corte, occupado, sem duvida, com a providencia das cousas humanas, porque, no universo, segundo santos padres, nada se realisa, se move, sem a vontade de Deus! O padre Party, citado por Alfredo Pimenta, na sua obra «L' idée de Dieu», tomo I, p. 8, diz: Não se produz no mundo physico ou no mundo moral, factos algum, que não seja pela vontade e com a permissão de Deus.» Theologicamente, este ponto é inconcusso. A vontade de Deus! No momento em que traço estas linhas, o telegrapho traz-nos a noticia do espantoso cataclismo, que destruiu Messina e outras cidades italianas. Que scenas tragicas de horror!

E foi Deus quem as determinou? Realmente, os santos padres tem razão em tudo quanto dizem e fazem. Mas a nossa razão leiga, é que não pode acreditar que Deus seja um monstro semelhante, capaz de taes atrocidades contra, justamente, os seus mais ferventes e queridos crentes! E o crente, tão convencido da sublime efficacia dos objectos do seu culto; que tanta confiança deposita nas imagens dos sanctuarios e nas preces, olha espavorido para esse horrendo quadro de lucto e desolação, perguntando á sua consciencia, para que servem esses objectos do seu culto, imagens, corações, bentinhos, escapularios, agua benta e a sua propria fé, si não servem para evitar semelhantes desgraças. Porque é preciso lembrar, que essas cidades italianas são ferrenhamente catholicas e possuem, em grande copia, todos esses fetiches catholicos romanos, tão milagrentos e que, na occasião oportuna, para nada prestaram, elles, que nos dias felizes, produziam tantos prodigios!

Draper nota no seu famoso livro «Os conflictos da sciencia e da religião», que a descrença começou a invadir as almas, quando, por occasião da invasão dos mulsumanos e dos barbaros, templos e altares eram saqueados, destruidos, queimadas as imagens, sem que a divindade, tão milagrosa na vespera, pudesse fazer o desejado milagre na defesa pessoal e do devoto crente. A mesma consideração pode ser feita, agora, e com mais razão. Hoje temos a divindade operando milagres directamente, diariamente, segundo os Boletins Salesianos e outros jornaes da propaganda catholica, que publicam listas enormes de milagres feitos a proposito de tudo. Porque os corações não opperaram o

grande milagre, agora, na Italia, a dois passos do papa, perto de Lourdes, as portas do santuario divino? Não sei, e, como eu, ninguém sabe. E' que não podemos perscrutar os altos designios de Deus? Seja. Mas, si não podemos perscrutar nisto, e com razão, os designios de Deus, como pretendemos perscrutar-os em outras cousas?

Não podemos nunca, em cousa alguma, perscrutar os designios de Deus, eis a verdade, porque si podessemos perscrutar-os em uma cousa, poderíamos perscrutar-os em todas. E, assim, por uma sorte theologica, chegaríamos a exclusão total do ministerio clerical, que se arvora em perscrutador dos designios divinos, fallando e decidindo tudo em nome de Deus.

Esses individuos mortos na pavorosa catastrophe italiana, em uma cifra approximada a quinze mil, fazem a gente tremer de justo horror, pensando na quantidade de almas, que foram, para usar de um verso de Homero, arremessadas intempestivamente ao sombrio reino de Plutão. Quinze mil almas de uma vez! Esses individuos eram peccadores e foram, como taes, condemnados. Jehovah tem sua logica e suas decisões são irrefragaveis. Entre esses quinze mil individuos, não havia 10 justos, porque, si houvesse 10 justos, como nas cidades maldictas, o castigo do ceo não os destruiria. Genese, cap. 18 v. 32. Nessas terras italianas, não havia 10 justos! Logo, a quasi totalidade dessas quinze mil almas, foi condemnada ao fogo eterno!

E' para fazer arrepiar os cabellos de horror. Mas, em Messina, por exemplo, havia conventos de frades e freiras; havia bispos, conegos e frades; havia associações do apostolado, das filhas de Maria, da oração, de S. José; havia imagens e egrejas; havia fieis e é de crer que, na hora suprema desse abalo sismologico, se afervorassem na oração, pegando-se com as imagens, com os corações, com os santos, com toda essa immensa fonte de milagres, tão preconizados e divulgados pelo clero. Porque isto tudo falhou no supremo momento em que foi exigida a grande prova? E não é somente para lamentar tantas vidas. O que mais doe, é serem tantas almas condemnadas ao inferno, porque Deus lhes não deu tempo de se confessarem!

Tanta gente mettida no inferno pela vontade de Deus! E' para fazer arrepiar os cabellos de horror. Uma outra cousa me compunge: a certeza de que, entre tantos frades e freiras, padres e beatas dessas devotas terras italianas, não havia e não ha 10 justos. Que hypocrisia vergonhosa se evidencia no clero italiano com essa tremenda catastrophe!

A destruição de Pompeia pode ser concebida, porque era uma cidade pagan; mas a destruição das duas provincias catholicas, as barbas do papa, é para a gente perguntar ao papa que

valor tem a crença catholica, que não salva a alma do inferno nem o corpo da morte. No fim de todos esses estupidos sacrificios, ha, realmente, o ceo? Nestes vinte seculos de christianismo, entre mais de vinte mil triliões de crentes, o kalendaro romano, registo infallivel dos santos, não registra sequer um milhão de santos! O mais está no inferno. E a gente pergunta, apavorada: para que nos serviu, afinal, o sacrificio de Jesus, si nós, como antes de Jesus, ainda vamos para o inferno? Jesus nos amedrontou com a desesperança do pequeno numero dos escolhidos.

Quem for escolhido, depois de haver sido chamado, que lucro terá na troca dos bens da terra pelos bens do ceo?

O nosso ceo, por mais bello que seja, é inferior, a muitos respeitos, ao ceo mahometano. Dizem que os gosos do ceo mahometano são muito vulgares e materiaes. Concordo. Mas, de que natureza são os gosos do ceo catholico?

Tambem materiaes. Ha festins; virgem formosas coroadas de flores odoríferas; passeios por vergeis floridos, por bosques assombrados de verdura; palestras deleitaveis; diversões mundanas de mil especieis. Os eleitos gosam. Que é que gosam? Não podemos comprehender goso algum fora dos nossos gosos mundanos e materiaes. Não ha, de certo, o goso carnal com as formosas huris, porque, nisto, é radical a differença entre o modo de amar das duas religiões. Contra o amor mulsumano, real, positivo, ha o amor hypocrita, ideal do catholicismo, que desvirtua as tendencias mais imperiosas da natureza humana, pela divinisação da virgindade perpetua, uma mentira religiosa, que perverte e affronta as leis naturaes, que nos mandam amar e ser amados, como garantia da propagação e perpetuidade da especie.

Os eleitos, de joelhos, repetem, a todo instante, diante do throno de Deus: Senhor! Senhor! e, nisto, experimentam a plenitude da felicidade. Tudo pode ser affirmado nos dominios da fantasia theologica. A felicidade do eleito é esta. Só? Para tanto, valerá sacrificar, realmente, todas as venturas da vida? Não, de certo, porque ha no ceo muitos ricos, papas e reis, que nunca soffreram cousa alguma, nada sacrificaram dos gosos terrenos.

Neste ponto de vista, ainda, os theologos de todos os povos e de todos os tempos, se harmonisam, descrevendo, mais ou menos pomposamente, esse alcançar divino, situado nas alturas, muito distante da terra, para onde vão as almas dos justos e dos heroes. As delicias do ceo, para uns são abundancia de caça; para outros, o cumulo dos gosos materiaes; para uns a gloria, para outros a sabedoria. Essa quasi unanimidade da crença universal sobre a existencia do ceo, fornece aos theologos una prova, que consideram valiosa, em favor da realidade objectiva do ceo. Mas

se não lembram os theologos e os metaphysicos de toda especie, que esse genero de prova é muito fraco e desacreditado, por que, em innumerados casos, a unanimidade do consenso dos povos, verificou-se apadrinhar um erro infantil. Basta lembrar a rotação do sol em torno do terra, erro justificado até pela Biblia.

Essa crença unanime sobre assumpto theologico, prova unicamente que, no estado theologico, affirmado por A. Conte, a humanidade atravessa, por toda parte, o mesmo estado mental e tem, fatalmente, a mesma concepção. O estado theologico dominou a humanidade e ainda domina grande parte della, e produziu, por toda parte, os mesmos resultados mentaes, as mesmas crenças, a mesma fé, as mesmas divindades boas e más, o mesmo ceo e o mesmo inferno, os mesmos sonhos e a mesma poesia.

No livro de Bunsen, «Deus através da historia», podemos verificar a marcha evolutiva da idea divina da humanidade, desde o Deus fetiche, grosseiro e ridiculo, cheio de todas as paixões grosseiras e ridiculas dos crentes, até o Deus espiritual e impessoal do deismo contemporaneo, com escala pelo Deus pessoal e feroz, devasso e humano da antiguidade classica. Quem, sinceramente, adora, a não ser em nome, o Jehovah biblico, sanguinario, vaidoso e horreado na sua bosofia de Deus omnipotente? O Deus da consciencia moderna, de certo, não é mais esse Deus solitario e boçal do judeo antigo tal como vemos-o através do Pentateuco.

Tylor consagra succulentas paginas de seu famoso livro—A civilização primitiva\*, descrevendo o ceo e o inferno dos povos selvagens e dos povos civilizados, segundo a crença de cada um delles. Um dia, com mais laser e oportunidade talvez ainda me occupe deste attrahente assumpto.

Hoje, basta o que ahí fica para mostrar que o ceo catholico ou mahometano, budhico ou selvagem, é sempre um lugar de delicias, de bemaventurança, em que o goso absoluto é eterno. Na eternidade desse goso pessoal, é que consiste a salvação do justo. O premio da virtude, deve ser uma cousa muito parecida com as nossas mais intimas aspirações pessoas de felicidade. O justo é justo, por que a virtude é boa, como queriam os stoicos? Não. O padre Guyot, no livro «Faut-il une religion?», pagina 38, diz: Como sentiríamos prazer em soffrer a fome, a sede, as doenças, o opprobrio pelo bem dos outros, si não devermos ser, por isso, recompensados?

Eis ahí a grande verdade theologica. A esperança em uma recompensa, como galardão das dores soffridas pelo bem, é o movel unico da virtude dos crentes. Sem essa recompensa não ha virtude possivel. O crente é justo porque espera ser premiado largamente pela sua virtude n'uma eternidade de gosos

e não porque considere a virtude um bem. Os motivos dessa virtude interesseira e immoral, demonstram os prestímos da virtude religiosa e os meritos dessa gente devota, que é boa por que teme o inferno e deseja o ceo.

Lefourneau, «Science et Materialisme, pags 284 e 285, escreve: A moral verifica-se a medida que a sciencia enriquece, que o espirito abrange maior numero de factos, que se mudam as proprias condições materiaes da existencia.»

Para o crente, porem, a moral se verifica a medida que enxerga maior somma de premios. Foi por isto, naturalmente pensando em casos semelhantes, que Bakounine, obras I, pagina 297, disse: A ignorancia, a piedade e a fê são tres substantivos, que exprimem quasi a mesma cousa.»

Realmente, fora do dominio desses tres substantivos, haverá quem, sinceramente, possa crer que Deus, a summa justiça, sinta prazer em aceitar o sacrificio de um crente, somente por que visa o premio futuro? Essa troca de um sacrificio temporario por um eterno, é immoral e fira todo merecimento do acto do intitulado justo. O individuo, que não furta com medo da cadeia, pode ser tido por virtuoso? A virtude deve ser, antes de tudo, desinteressada, franca, desapaixorada. De outra maneira, é uma mercancia, sem o minimo valor, mesmo no ponto de vista da moral humana. O que constitue o merito da virtude, é a sua espontaneidade, é ser exercida desinteressadamente, sem mira em qualquer recompensa. Si eu dou comida ao faminto, esperando que o Estado me alimente durante o resto de minha vida, onde o valor do meu acto?

Dei, é certo; mas dei um, para receber mil. É um negocio em que eu tive o melhor quinhão. Eis tudo. O padre Guyot, e, com elle, todos os theologos, podem preconisar essa virtude christã, que só tem vida pela certeza da recompensa: os moralistas leigos comprehendem a virtude humana de outra maneira.

Bergman pensa que a religião emana da insuficiencia physica, da franqueza intellectual e da impotencia moral do homem. Da primeira nos podemos libertar pela industria; da segunda pela philosophia e da terceira pela virtude.

Mas a virtude, que nos liberta da impotencia moral, é a virtude desinteressada e generosa, que pratica o bem pelo bem, sem cogitar em auferir lucros extraordinarios por seus actos virtuosos. Assim era que os stoicos ensinavam e praticavam a virtude, e, de outra maneira, a virtude é impossivel.

O ceo, que é o premio dessa virtude, está situado no alto do espago e é uma immensa região onde, eternamente, o justo, pelo que fez de bem nesta vida, goza, como um poderoso nababo, da plenitude de todos os prazeres, sem interrupção, sem o te-

dio da saciedade, de que fallava Byron. A virtude não é, assim, um goso moral, um dever humano: é um sacrificio, uma pena. D'ahi é que, como sacrificio, é meritoria aos olhos de Deus, que só exige de nós actos de mortificação. Todas as religiões, diz Char-ron, «Sagesse», crêm que o principal e mais agradável serviço a Deus, e poderoso meio de apasigual-o, é praticar uma bôa graça, é dar-se ao soffrimento, maltratar-se, impor-se e padecer grande pena, deffícil e dolorosa.»

A virtude entra no rol dessas acções agradaveis á divindade, por ser um soffrimento, ao passo que o peccado é desagradavel á divindade por ser um goso. Nestas condições, sendo a pratica da virtude uma pena e a pratica do vicio um goso, é facil estabelecer-se a gradação e as razões das preferencias divinas por uma e das repulsas divinas pelo outro. A comprehensão da virtude como um soffrimento, é um erro funesto. A virtude é um bem. Praticar a virtude é sentir o bem, experimentar um goso intimo e profundo. Uma acção bôa é um goso, ao passo que uma acção má é um mal e origina o remorso, um pavoroso tormento. Qual é o justo que soffre constrangimento, pezar e remorsos pelos actos de caridade, que pratica?

Os que não matam, não roubam, não mentem, não caluniam, senhem pela sua virtude, magoas e constrangimento? Encontramos uma bolsa de dinheiro e vamos entregal-a honestamente ao dono, ou, inversamente, furtamos uma bolsa de dinheiro. A sensação será a mesma? Creio que não e dar-se-ia, justamente, o contrario: o ladrão teria pezar e vergonha de ficar com o furto e o generoso restituidor sentiria satisfação. Inverter os sentimentos dos dois individuos figurados, não é discutir com a verdade.

Si o ceo é o premio dessa virtude constrangida, interesseira, podemos ter pouca vontade de fazer parte dos eleitos. O ceo alcançado por tal premio, não é o ceo dos grandes espiritos, que honram a humanidade. E' por isto que a moral scientifica é bella e attrahente e ensina que o justo deve praticar a virtude pela virtude, soffrer pela virtude, por amor da virtude, sem cogitar um instante que o ser virtuoso é um motivo para ser premiado. A virtude é um dever e nada mais e quem cumpre um dever, não tem direito a premio algum.

Os apostolos de Jesus, que o acompanhavam seduzidos pelas suas altas promessas, envaidecidos pela esperanza de se sentarem nos dose thronos de Israel, que merito tiveram em seguir Jesus? Quem pratica um acto visando uma vantagem pessoal, não pode merecer applausos, porque, afinal, o acto teve por movel a recompensa e não a moral, que o não inspirou. E' que pessoa alguma, na terra, trabalha sem a mira na recompensa?

Seja. Mas, para Deus, as cousas são como para nós, até nesses suaves melindres da moral?

Os theologos preconizam arduosamente a santidade conventual e chamam, por exemplo, as freiras esposas de Christo. As principaes virtudes conventuaes são a castidade, a pobreza e a caridade.

Quanto á pobreza, todo mundo sabe como os conventos são pobres. A castidade pode ser invocada, seriamente, em favor dos conventos?

A castidade das freiras pode ser invocada como um merito? Não creio. As freiras são castas voluntariamente? Não. Encausuradas, seggregadas completamente do contacto masculino, ellas nunca puzeram a virtude em prova. São virgens, guardam a castidade, porque nunca tiveram ensejo de peccar.

Teriam a coragem de reagir contra os impulsos ferozes da carne, no momento decisivo da prova? Eis a questão. A sua castidade nunca esteve em frente do desejo. No meio em que vivem, estioladas, roidas pelas ascuas das paixões so pitadas pela estamenha, nunca souberam o preço e a impetuosidade do amor.

Não conhecem os homens. São virgens porque talvez, nunca tiveram ensejo de peccar. Isto constitue merito? O tigre preso na jaula, não offende o transeunte; a cobra desdentada não morde. São virtuosos por isto, por que não dispoem de meios para praticar seus instinctos? As freiras são virgens por voto e pela impossibilidade de não ser virgens. Deus sabe como ellas, nos seus catres, anceiam desesperadamente nas convulsões de seus desejos assanhados, debalde subjugados pela hypocrisia, pelas penitencias convencionadas. Para Deus, certamente, a virtude consiste na pratica voluntaria do bem ou então, não ha virtude para Deus.

Mas, será bem contrariar uma das mais imperiosas imposições da natureza? Offende a Deus amar e ser amado e realisar a necessidade sublime e soberana da nossa existencia? Deus prohibe o amor? Logo, Deus prohibe a propagação da especie, a menos que Deus adopte as restricções legaes do casamento.

Que casamento? O catholico para o catholico; o mulsumano para o mulsumano; o budhico para o budhista; o civi para os livres pensadores. Mas o casamento não passa de uma ficção legal, determinando uma ordem da relações entre um grupo de individuos.

Seja como for, a tyrannia de tantos e tão variados preconceitos actua poderosamente sobre a alma humana, dominando-a de um modo brutal, tornando sua vida interminavel soffrimento.



## LITERICULTURA

Com a morte, abre-se a noite fantástica dos mysterios insondaveis, que a nossa vaidade rendilha poeticamente e da-lhe, a sua vontade, as formas que entende.

Ninguem pode soerguer esse pesado veo da morte e d'ahi, a vantagem das religiões em formularem o grande poema divino dos nossos destinos futuros. A vida eterna é copia da vida terrena. Somos, no ceo ou no inferno, o que fomos na terra, apenas com differença de quantidade. As glorias do ceo e os tormentos do inferno são como as glorias e os tormentos da terra, no superlativo.

Ha choro e renger de dentes, algozes, instrumentos mundanos de tortura, grelhas, espetos, cadeira de chumbo em ebulição, fornalhas ardentes. Tudo isto é genuinamente humano. No ceo ha festins, grinaldas de flores redolentes, passeios por vergeis esmaltados de verdura, musica, palestras, a maneira dos passa-tempos terrenos. Deus é um rei absoluto, com sua corte, seus guardas, suas legiões, seus auxiliares, seus ministros, sua capital, sua justiça, seu tribunal. Os jesuitas conhecem o ceo e seus costumes.

O padre G. Poncey, «Cathecisme theologique», affirma que, no ceo, veremos a sacratissima humanidade de Jesus Christo, o adoravel corpo da virgem Maria e dos outros santos, sem fallar de mil e mil outras bellezas e venturas; que, ahi, os nossos sentidos funcionarão como lhes é proprio, sem nunca se embotarem; o ouvido será encantado com a doçura do som e da harmonia; o olfacto receberá o prazer dos perfumes mais raros; o gosto, provará os mais delicados sabores; ahi se falla o hebraico, porque foi a lingua que Deus ensinou ao primeiro homem e que Jesus Christo fallou; mas pode-se fallar qualquer outra lingua, porque os bemaventurados as comprehendem perfeitamente; que os bemaventurados usam vestidos de gloria e de luz, que brillam por todas as partes do corpo e especialmente dos que mais tiveram soffrido por Deus\*. O jesuita Henriques, num livro sobre a occupação dos santos, no ceo, assegura, que todos os homens e mulheres folgam em festins, mascaradas e bailes; que os anjos se vestem de mulheres e apparecem aos santos encantando-os com esses ricos trajes femininos, com os cabellos frisados, com saias roçagantes, anquinhas e camisas de cassa; que cada bemaventurado tem sua habitação particular e que Jesus Christo habita um magnifico palacio; que ha ruas largas e bellas; grandes praças, castellos e cidadellas; que o soberano prazer consiste em os bemaventurados beijarem e abraçarem os corpos das bemaventuradas; que estas tomam banhos e cantam como rouxinoes;

que as mulheres tem bellos e longos cabellos e se enfeitam com fitas, usam vestidos e toucados.»

Apesar da infantilidade de todas essas concepções inanes, visivelmente fantásticas, ha individuos que se apaixonam por ellas e acreditam que, na realidade, tudo isto existe e que os sonhos dos poetas são objectivamente verdadeiros. Quem, a não ser no delirio do extase, viu jamais o ceu e o inferno, para descrever-lhes as delicias e os tormentos?

E é o desejo do ceu e o temor do inferno somente, o movel supremo da poder clerical e do predominio e riqueza dos padres, que vivem e dominam pela exploração systematizada dessas crenças idiotas.

O inferno, por que? O ceo, por que?

Como não ha peccado, que comporte um castigo eterno, não ha virtude que mereça um premio eterno. Deus, que é a justiça absoluta, não pode, por um acto temporario, decretar uma punição incomparavelmente superior, milhões de milhões de vezes, ao crime punido. Depois, não é Deus, pela sua providencia, quem dirige as acções humanas? Agraça de Deus não é voluntaria? Que culpa temos nós outros peccadores revéis do nosso peccado, que Deus determinou e permittiu «ab eterno?» Lucano disse: «Crimen erit superis et me fecisse nocentem: si os deuses me tornam culpado, o crime é delles.

Como conciliar os actos humanos com a providencia divina, que tudo sabe, rege e domina?

Como conciliar os meritos da virtude com o interesse da recompensa immensamente superior ao sacrificio do acto? Juvenal disse:

Quis enim virtutem amplectitur ipsam.

Praemia si tollas?

Realmente, supprimi o attractivo da recompensa, quem será pela virtude? O padre Guyot affirma a mesma cousa. Deus estimará semelhante virtude, bitolada pelo interesse em uma recompensa incomparavelmente grande e eterna? O sacrificio feito por um movel semelhante, pode ser apreciado por Deus, não sendo tal perante a justiça humana?

Creemos, sem saber porque, em todas as intituladas verdades religiosas e nem uma dellas é certa. Todas as origens christãs são obscuras, duvidosas, a começar pela existencia objectiva do proprio Christo.

Não ha uma só prova incontestavel da existencia material de Christo. Tudo quanto temos a respeito é muito posterior ao tempo dado da vinda de Christo ao mundo. Os chamados apostolos nunca escreveram cousa alguma da vida e obras de Jesus e os muitos evangelhos que corriam com o nome desses personagens,

aliás também equivocados e os quatro que correm como milagrosamente authenticos, devidos aos apóstolos Matheus, Marcos, Lucas e João, são tão contradictorios sobre pontos fundamentaes, que nelles, justamente, é que vão os criticos buscar provas contra a existencia real e humana do Christo. As epistolas de S. Paulo, mesmo as authenticas, não são provas reaes, porque S. Paulo não conheceu pessoalmente a Jesus, não privou com os apóstolos e com elles sempre viveu em lamentavel divergencia. Depois, o ensino de S. Paulo, que alguns tem como o verdadeiro fundador do christianismo, radicalmente em opposição ao ensino apostolico, é uma nova e fecunda fonte de argumentos esmagadores contra a legenda christã da existencia real de Jesus. Mas, apesar de todas essas profundas incertezas, sem outra prova alem da sua fé, afinal um facto pessoal, sem significação objectiva, o crente se julga obrigado a fazer os mais estupidos sacrificios para alcançar esse ceu, que só existe na sua imaginação e que a sua fantasia povôa de tantas maravilhas. Como os selvagens, vivemos dos sonhos e, como elles, acariciamos os seres invisiveis que criamos para as necessidades da nossa propria vaidade. Ninguem quer ficar atraz nesses paramos onde floresce a mais exuberante poesia e todos juram pela verdade das suas chimeras, pela certeza dos roubos da sua fantasia.

Os homens criam os deuses e, depois, fazem delles seu espantallho ou como disse Tolstoi, depois de terem feito um santo, morrem por elle como martyres. Essas divindades criadas para revogarem as leis da natureza, segundo os nossos desejos, adquirem tamanha preponderancia sobre os crentes que operam milagres a pedido dos mesmos crentes, nos casos raros que lhes aproveitam. Os milagres, disse Renan, são dessas cousas que nunca existiram. As pessoas credulas crêm nelles, mas ninguem pode citar um facto que se tenha passado diante de testemunha capaz de constatal-o; nenhuma intervenção particular da divindade nem na confecção de um livro nem em qualquer acontecimento, tem sido provada. Admittir-se o sobrenatural é estar fóra da sciencia, é admittir uma explicação que nada tem de scientifica, uma explicação de que não carecem o astrônomo, o physico, o chimico, o geologo, o physiologista e de que os historiadores também não precisam. Nós repellimos o sobrenatural pela mesma razão porque repellimos a existencia dos centauros e dos hippogrifhos: pela simples razão porque nunca foram vistos. A sciencia, de facto, não pode acreditar no sobrenatural, porque não ha prova directa nem indirecta delle, por que o sobrenatural é o que está fóra das leis naturaes e nada existe na realidade fora das leis naturaes. Ahi por esses mundos sobrenaturaes medram unicamente as vaporosidades da metaphysica, bellas como poesia, porem inanes como facto, como categoria

dos sentidos, que nada conhecem fora da logica das realidades.

Mas o crente, obsediado pela sua crença, não vê nada disto, porque a fé, como diz, com razão, Renan, não conhece outra lei senão o interesse do que crê verdade. O alvo a que se dirige, sendo para ella absolutamente santo, não tem o minimo escrupulo de invocar maus argumentos para sua these, quando os bons não vigoram.»

Tudo isto não teria explicação, si não fossem, entre outras cousas, a força imperiosa do meio, as imposições sociaes hauridas na educação e na hereditariedade. O homem não indaga si essas cousas em que tem fé são possíveis. A fé é uma confiança, ou como dizia Alfredo Vigny, uma esperança ardente. Na linguagem vulgar dos devotos, ter fé é ter desejo vehemente na realização de uma cousa desejada. A fé em Deus é simplesmente a confiança que Deus, que tudo pode, ha de realisar nossos desejos: desejo de riqueza, de saúde, de tudo quanto constitue o encanto da existencia.

A preocupação do crente é, afinal, a conquista da felicidade suprema—a bemaventurança. O ceo, para onde deseja ir depois da morte, é o lugar da eterna ventura, a realização completa do desejo da felicidade. Mas tudo isto, na realidade, o que vale? Onde a prova desse ceu?

Os selvagens de todos os tempos viveram embalados por essa dulçurosa illusão. Nesse ceu, a felicidade, para uns, era a caça abundante; para outros, os gosos sexuaes com a posse das formosas mulheres. Elles tem, porem, melhor ou peor razão do que nós? Ninguem, de boa fé, poderá dizer que o ceu do selvagem é falso e o nosso verdadeiro.

Tylor, cuja autoridade nessas assumptos é universalmente reconhecida, pondera a grande similitude existente nessas doutrinas, applicaveis, pela extensão, a nossos países de crenças ja estabelecidas. Mas, no fundo, independentemente dessas transmissões, ha grande variedade devida ás circumstancias e á cor de uma massa heterogenea de explicações fantasistas e arbitrarías, inherentes aos povos selvagens e aos povos civilizados.

Duas grandes concepções, diz elle, dominam muito particularmente a idea que fazemos de um mundo futuro. A primeira, é que a vida futura é, para assim dizer, uma simples imagem da vida actual; os homens, segundo esta doutrina, conservam n'um outro mundo, idealmente bello talvez, mas, talvez, tambem, fantasticamente melancolico, sua forma e sua condição terrestre; andam cercados dos amigos que tinham na terra; possuem o que possuíam aqui; continuam suas occupações deste mundo. Segundo a outra concepção, a vida futura é uma compensação da vida actual. Os homens, entrando no outro mundo, mudam de con-

dição e essa mudança é a consequencia e, sobretudo, a recompensa ou a punição de sua conducta sobre a terra. Podemos, com o commandante Buston, chamar a primeira destas duas ideas a «theoria da continuação» e chamar a segunda a «theoria da expiação». Separadas ou combinadas estas doutrinas constituem a chave do assumpto que nos occupa, e, grupando exemplos typicos em torno de cada uma dellas, nos será possivel dar systematicamente conta dos caracteres principaes que o homem attribue ainda que terá depois da morte. (1) Antes de continuar nesta ordem de considerações, é preciso accentuar documentando, qual a idea que os nossos antepassados tiveram do ceu e do inferno atravez da historia, para chegarmos, sem difficuldades, sem tergiversações, ao ponto capital dessas crenças inanes, que fazem o encanto e o terror dos crentes, irmanando selvagens e civilizados, porque, nessas materias, não ha differença sensivel entre uns e outros.

*Continua*

Clodoaldo Freitas.

# Religião

## Deus

«No principio era o Verbo, e o Verbo era com Deus, e o Verbo era Deus.

«Elle era no principio com Deus.

«Todas as coisas foram feitas por Elle; e nada do que se fez, foi sem Elle.»

(Evangelho de S. João, Cap. 1.º vs. 1 a 3.)

Diz o atheu: «*Deus não existe; alma não a tenho.*» Ora, os *irracionaes*, por isso mesmo que são desprovidos de *raciocinio*, não tem o dom especial da *palavra*, privilegio só do ser *racional, humano*. O *irraccional* não *pensa*, o pensamento é o resultado da operação do espirito que raciocina; o pensamento, as idéas não podem existir em o cérebro do irracional, que nenhuma intuição tem do *futuro, do além*; a sua existencia em o planêta é levada tão sómente pelos *instinctos*: pela *intelligencia*, que se não deve confundir com o *instincto*, é que o homem perscruta a sua *causa primaria*, é que distingue o *bem* do *mal*, predicado que não tem o *irraccional*; distinguindo o bem do mal, a razão das coisas creadas, o homem, com a intelligencia, comprehende que ha um julgador de seu *fôro intimo*, de sua *consciencia*, das boas ou más acções praticadas; a idéa de um Deus verdadeiro, unico (os próprios pagãos inscreviam: «*Ao Deus desconhecido*») é innata ao homem, a

menos que tenha a razão offuscada pela incredulidade; a idéa de um Ente supremo, acima das misérias humanas, é que estimula a creatura á pratica das virtudes, consoante os preceitos da moral.

Por isso mesmo que a vida do irracional, levada toda pelos *instinctos*, se circumscreve ao *presente*, sem intuição alguma do *futuro*, o espirito que o anima desaparece com a separação do corpo: não tem outro destino.

A alma humana ha de, irremissivelmente, ser immortal, pois, do contrario, não haveria distincção entre os seres vivos creados; ou todos *rationaes*, ou todos *irrationaes*. Ora, semelhante idéa é repellida pela razão; dahi a verdade irrefractavel do «Façamos o homem á nossa imagem e semelhança» do Génesis.

A *palavra*, fallada ou escripta, intérprete do pensamento, é a prova exterior da alma que *pensa*, *raciocina*, a alma que falla dentro de nós mesmos, se inspira na pratica do Bem, na esperanza de uma justiça superior, indefectivel, consequentemente de uma outra vida. A felicidade, portanto, não está neste mundo, na vida terrena, por que a alma humana não foi creada para nelle viver eternamente; a vida terrena é transitoria; as boas obras, consoante os preceitos divinos, é que nos abrem as portas da felicidade celestial, do gozo eterno; della não podemos gozar, si manchada estiver a alma pelas más paixões, pelos vicios, pelas más obras, pelo peccado, Deus é perfectissimo, como poderemos, pois, a Elle voltar imperfeitos, manchada a alma que nos deu?

O julgamento se impõe. Deus é justo, mas a sua justiça é indefectivel; na vida terrena nos proporciona Elle os meios ordinarios da salvação eterna; quer que todos os homens se salvem; a culpa será nossa, si ao em vez de bons formos más; ao em vez de recompensa, tivermos o castigo merecido, a pena. Salvação, ou condemnação, certo são os dois resultados do julgamento particular a que todos nós estamos sujeitos, após a morte, que não é mais do que a separação do *corpo* e da *alma*: eis a sentença.

Mas como nem todas as faltas não graves, o dógma do

purgatorio, que ao atheu ou incredulo se affigura uma *invenção catholica, sem base alguma*, é, no emtanto, uma verdade inconcussa, uma deducção lógica da justiça indefectivel de Deus.

Provado, assim, que o homem pensa, raciocina (quem poderá negal-o?), se exprime por meio da palavra fallada, ou escripta, predicado que não tem o irracional, nenhuma dúvida póde haver de que tem elle uma alma immortal, distincta, portanto, da do *gato, cachorro, bichos, animaes irracionais outros*. Ao «Deus não existe» do atheu, ou do materialista, que ambos são uma e a mesma *pessoa*, retrato fiél de su'alma, offuscada pela incredulidade, se oppõe o «Deus existe», retrato fiél da alma que se reconhece «creatura», mostra reconhecimento ao seu Creador.

Deus existe, e só não o crê, ou não o dirá na hora suprema, como Eduardo Prado «Creio, creio!», aquelle que não escuta, ou se faz surdo á voz que dentro de nós mesmos está sempre a bradar... Escutemol-a, pois, emquanto é tempo.

Theresina, Fevereiro, 1912.

*Augusto Ewerton e Silva.*



## Direito de successão

### CONSULTA

F. falleceu em 6 de Janeiro de 1911, deixando filhas maiores, entre as quaes Dona F. que falleceu a 6 de Agosto do mesmo anno. Pergunta-se: os bens, que deviam caber a D. F., devem fazer parte, como bens do casal de que ella fazia parte, no inventario ao qual deu causa a sua morte?

### RESPOSTA

A presente consulta envolve uma das mais complicadas e difficis questões de direito de successão; ella se resume na seguinte pergunta: o neto é herdeiro necessario do avô, tendo um dos pais vivo? O nosso humilde entender aconselha a responder pela negativa.

Em primeiro lugar, procurando discentir o caso por analogia, occorre-nos um exemplo já decidido e incontestado e é o do ascendente preterido pelo descendente, mesmo que este só haja vivido alguns minutos, depois do nascimento, o que se pode dar quando dois conjuges, não tendo filhos, morre o marido, estando vivos os paes deste, e ficando sua mulher grávida; a criança que nascer será a herdeira do pai transmittindo a herança e todos os demais direitos, á mãe, embora só tenha tido de vida alguns momentos.

A razão de ser de se regular, por esta forma, esta questão, está em que o direito uma vez adquirido subsiste sempre, pouco importa que as formalidades de inventario, tenham ou não sido cumpridas.

Tambem esta é a razão que nos leva a pensar do modo que expendemos, em face do caso presente; ao nosso ver, o direito do conjuge sobrevivente está adquirido desde que o outro morreu, mesmo que a morte do ascendente occorra em um dia e a do conjuge no

seguinte, havendo portanto impossibilidade material de se proceder a inventario e partilha dos bens de um, antes da morte do outro.

Estes são os argumentos achados «a racione»; mas outros existem que juridicamente vêm confirmar a justeza das considerações que expendemos.

Loureiro, no seu Direito Civil, declara (§ 364, pag. 15—2.º vol.) que o herdeiro succede, em todos os direitos do defunto, inclusive o da posse, salvo aquelles que estão declarados em lei; e mais adiante (§ 369, pag. 18—2.º vol.) a herança deferida, mas não adida, nem repudiada, é transmissível.

Estas duas citações do illustre professor, comquanto não sejam rigorosamente applicaveis ao caso em questão, têm com elle tão íntima relação, que muita luz trazem a quem quizer resolvê-lo; assim ninguém comprehende que um marido seja possuidor da metade dos bens de sua esposa, si esta morrendo, depois de seu pai, só pelo simples facto, de não ter havido inventario, não transmitir a elle os direitos que lhe cabiam, na hypothese.

A vingar a theoria que negasse este direito, a communhão de bens, entre conjuges, não seria mais que uma burla.

Teixeira de Freitas, na Consolidação das Leis Civis, (§ 100, nota—20) diz, tratando do pagamento de imposto: «neste ultimo caso (isto é, sem testamento na successão forçada, e com testamento na livre da terça ou dos legados) os consanguineos não succedem como herdeiros necessarios.»

Esta declaração do eminente mestre mostra claramente que o neto, tendo pai vivo, não é herdeiro necessario do avô fallecido, mesmo que se queira entendê-la, como relativa somente a ultima parte da oração precedente, isto é: «e com testamento na livre da terça ou dos legados.»

Pois o simples facto de um avô legar a um neto quaesquer bens ou importancias, tira a este neto a sua qualidade de herdeiro necessario delle?

Ninguém poderá entender assim; mas, ao contrario, se concluirá que, tanto o neto, com qualquer dos pais vivo, não é herdeiro necessario do avô, que mesmo este lhe havendo deixado um legado isto ainda não lhe dá aquella qualidade.

Esta doutrina é tambem sustentada pelo Ministerio da Fazenda, que por acto de 11 Junho de 1884, assim diz: «Declara que o neto, cujo pai é vivo, não pode ser considerado herdeiro necessario do avô, e está sujeito ao pagamento de 5 o/o, pelo legado que deste, receber.»

Para fazer esta declaração, o alludido Ministerio estribou-se em longo e luminoso parecer que vem firmado com os nomes de M. P. de Souza Dantas, Paulino José Soares de Souza e a resolu-

ção imperial tem a referenda do eminente conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira. (Direito vol. 34—pag. 613 e seguintes.)

As leis que vigoravam ao tempo em que esta resolução baixou, ainda estão em vigor, no que é essencial, para o nosso caso, tendo apenas soffrido pequenas alterações, (exemplo: quanto á taxa de impostos, quanto á ampliação de testar metade dos bens, e &c.) que em nada alteram o que acabamos de dizer.

E sendo assim parece-nos não restar mais duvida e, consequentemente, a resposta que em começo demos, fica plenamente provada pelo que concluimos que o viúvo é herdeiro do sogro, e como tal deve figurar no inventario respectivo, devendo os bens que haviam de caber á sua fallecida esposa, figurar no inventario a que a morte desta deu causa.

Mario José Baptista.



# José Apollonio

## Aspectos Piauhyenses

### I

Depois do ultimo dia de scalheira passado sobre o lombo amigo do «alazão tustado», ao chegar a Campo-maior, quasi á noiteinha, sobreviera-lhe como uma quebreira de corpo, uma modorra somnolenta cortada de bocejos prolongados, de estremecimentos subteis, de uma vontade continua de repousar, de distender os membros fatigados pela larga «marcha de óois» forçada do seu cavallo predilecto.

Os camaradas,—agasalhados convenientemente os animaes, serviram-lhe a parca ceia de carne assada que elle ingerira já deitado na sua pequena rede de viagem muito coçada, saboreando-a aos bocca-dinhos, demoradamente, como si se tratasse dos mais finos acepipes.

Após o café chegou ainda á porta da rua a admirar um crescente de lua muito pallido, que deslisava somnolentemente sobre a turqueza infinita do espaço ericado de estrellas, e, em seguida, passada ainda uma vistoria ás cargas e arrieiros, deiteu-se disposto a dormir.

Não o conseguiu, porem, logo. Vinham-lhe instinctivamente a memoria os ultimos dias passados na Januaria, as recommendações paternas, algumas despedidas, arranjos de viagem, certas lembranças e sobretudo as saudades da Dengosa—uma mulata sacudida de olhos negros petulantes a quem andava «arrastando a aza» nos ultimos tempos e que lhe prendia ainda o pensamento. Aquelle diacho!...

Era muito moço ainda; teria de vinte e quatro a vinte e cinco annos, quando muito. Era alto, forte, robusto, de compleição sanguinea. Chamava-se José Francisco da Silva e viera comprando «poldros» pelo sertão. Ficara de pernoitar alli, áquelle dia para no

seguinte encontrar-se com o tenente Estevão Lopes, no Contente,—uma fazenda proxima onde tinha de negociar uma grande partida de animaes.

E daquella forma! Levantou-se. Esteve durante muito tempo a contemplar a rua silenciosa, deserta. E depois, ao recolher-se, como notasse um dos arrieiros acordado:

—José Apollonio!

—Senhor! disse erguendo-se um cabra fosco cendrado.

—Tenha muito cuidado com os animaes, já ouviu? olhe que temos que viajar amanhã.

—Sim senhor.

## II

No dia seguinte, effectivamente, á tardinha, sellados os cavallos, partiram José Francisco e José Apollonio rumo do Contente.

Era pelos meados de julho. Começavam a soprar os ventos geraes. Pelos campos extensos o «mimoso» amadurecido tinha como o aspecto de uma soberba alcatifa jalde, donde emergiam carnaúbeiras luxuriantes e uma ou outra sambaibeira enfesada em que bandos e bandos de anuns piavam agoirentamente por entre a aspreza selvagem da folhagem rarefeita e encarquilhada. Ouvia-se para um lado, mas afastada, a algazarra ensurdecadora de um troço de papagaios. O sol ia se pondo.

A proporção que andava, José Francisco ia entretendo-se em fazer, mentalmente, a recapitulação dos ultimos negocios concluidos e dos que lhe faltava ainda realizar. Já tinha feito muito, mas faltava tanta coisa, santo Deus! Quando ficaria livre daquella estopada! Nisso occorreu-lhe ao pensamento a lenda da serra que lhe haviam contado na vespera e, sem querer, insensivelmente, começou a devanear sobre o estranho vellocino e a grande corrente que segundo lhe referiram appareciam alli como um extraordinario encantamento ou quem sabe! attestando talvez prodigiosas fortunas occultas ou inconcebíveis, monstruosos mysterios da mais remota antiguidade! Quem sabe! Em todo caso, embora só por mera curiosidade passaria por lá quando voltasse.

Estavam quasi defronte do Mirinzeiro. Atirou distrahidamente uma chicotada a anca do cavallo e começou a cantar muito baixinho como que só para si o «Gandoleiro» de Castro Alves muito em voga naquelle tempo:

«Teus olhos são negros, negros,  
Como as noites sem luar,  
São ardentes, são profundos  
Como o negrume...»

Não pôde concluir. Sentiu que um ferro muito agudo e muito

frio lhe atrevesava as carnes e, mortalmente ferido, voltando instintivamente o rosto deparou o cão esverdeado e feroz do cabra que presentindo-o distraído o ferira e levantando a mão feria-o de novo.

Não pôde articular uma palavra. Passou-lhe uma nuvem pelos olhos. Parecia-lhe que ia succumbir. Teve como uma sensação de vacuo e, depois, envolvido no peso do proprio corpo embarcou para frente e cahiu enchareado em sangue sob as patas do cavallo que assustado disparou em desfilada arrastando-o pelo pé que ficara preso ao estribo.

O cabra «pez um rodeio» ao animal e, depois, puchando pela perna o companheiro morto arrastou-o para baixo de uma arvore que pendia para o caminho; revistou-lhe em seguida todos os bolsos. E, guardando cuidadosamente uma carteira recheada que lhes subtrahira, passou immediatamente a sua sella ginste para o «salazão tustado» e sumiu-se nos torvelinos de poeira cinzenta que levantava em disparada, como um turbilhão, pelas caminhos...

### III

Entretanto, a inesperada e alarmante noticia do monstro assassinio chegava a Campo-maior quasi em seguida levada por um velho «cariá» da Fazenda nova que passara logo após ao sangrento drama e dava com a maior clareza possivel todos os signaes do assassinado. Mas ninguem acreditava. Pois seria possivel que aquelle homem que chegara na vespera vendendo sande! Quem seria?!... Teriam tambem assassinado o pagão? Coitado! E circulavam boatos horrorosos, noticias assustadoras, contradictorias.

Fallava-se em bandos de ciganos, quilombolas, em quadrilhas de gatunos dissimulados. Houve quem jurasse tel-os visto num valhacontó ao pé da serra.

Recordavam-se as hediondas façanhas do Cascavel, os mais tragicos attentados do tempo da independencia. Grassava como um panico indescriptivel na perspectiva de um perigo commum desconhecido. Contudo, Chico Sampaio, o outro arrieiro de José Francisco,—um velho alvo, baixote, «ambudo», partira tropeço, ensandecido pela brutalidade do facto que lhe roubara o patrão querido, para o local do horrivel accidente.

Caminhava estonteado, «matutando», «parafuzando» no caso mas nem podia reflectir. Como se teria dado aquillo? E o Apollonio, onde estaria? Não vira fallar nelle. Teriam-no morto tambem? Mas, quem seria? Porque? O patrão não tinha inimigos, nem ao menos era conhecido por aquellas «beiradas».

E, depois de funda concentração, desconfiadamente:—seria aquelle cabra? Mas, por que? Só si fôra para roubar... Em todo

caso, como não gostava de fazer mau juízo de ninguém, susteve o pensamento e encostando vigorosamente as esporas aos «vazios» da burra, atirou-se numa carreira vertiginosa até que ella deparando o cadaver á beira do caminho recou e emmurchecendo as orelhas, arrepiada.

Chico Sampaio saltou num apice e encarando o morto querido levou as mãos á cabeça:—Valei-me, Senhor do Bomfim!

E, ajoelhado perto do defunto, palpando-lhe os membros algeidos, deparou involuntariamente o sellim que o Apollonio havia atirado para um lado. Ergueu-se, e circumvagando o olhar attento avistou o «castanhão» em que partira o cabra pastando a alguns metros de distancia. Abaixou-se «rastejando.» Chegou até onde cahira José Francisco, acompanhou o rastro de sangue que havia pelo caminho; examinou o sellim manchado de sangue e depois, verificando os bolsos do morto voltou a «rastejar» pela areia. Notava uma coisa brilhante numa moita. Abaixou-se e apanhou-a.

Era uma faca;—a faca de Apollonio! E estava suja de sangue!... Fôra o cabra! Não havia duvida.

—Santo Deus! Só matou para roubar! E estremunhadamente, sem saber mesmo o que fazia, cahiu novamente de joelhos aos pés da cadaver gritando alucinadamente:—Jesus! Jesus! Jesus!... Jesus seja contigo!... Lembra-te do santo nome de Jesus!...

Jesus... Maria... José!... E mastigou uma oração.

Em seguida, preenchidas as formalidades legais, sepultaram o morto allí mesmo, defronte do «Mirinzeiro» onde collocaram uma grande cruz de madeira que ainda hoje alveja lá, attestando o nefando crime e, como não encontrassem o assassino, Chico Sampaio pediu que expedissem uma precatória que, enquanto houvesse couro, havia de fazer «pragatas» para «cavar» aquelle cabra fosse onde fosse.

E nunca mais se ouviu fallar no dedicado arrieiro.

#### IV

A poeira do tempo, soprada por outros acontecimentos successivos e pela marcha accelerada da politicagem local, de mechanismo muito differente do da actual naquelles tempos, foi a pouco e pouco se acumulando sobre o estranho crime do Mirinzeiro.

Já não se tratava quasi daquelle facto e de Chico Sampaio que ao principio supuseram um embusteiro qualquer, cúmplice talvez de José Apollonio, quando uma bella manhã,—quatro mezes depois, surgiu elle acompanhado de dois soldados que escoltavam o odio cabra solidamente algemado e amarrado com cordas de cedinho que lhe premiam fortemente os biceps inflammados.

Depois de largas e penosas pesquisas conseguira captural-o por

fim na villa do Capim-grosso da extinta provincia da Bahia. E, em seguida, recolhido a casa de detenção, como estivesse concluido o processo, foi submettido ao primeiro jury que o condemnou á pena ultima.

Elle, entretanto, ao saber do resultado do julgamento não teve o menor sobresalto; sacudiu desdenhosamente os hombros largos e num grande gesto de indiferença:—Pois sim, que fossem esperando, que elle mesmo não era juda para morrer enforcado; qual! morreria mas como um homem, affirmava.

E insensivelmente foi se tornando mais arredio dos companheiros de prisão, evitando conversas, cada vez mais triste e mais sombrio.

Passava dias e dias nas grades, o olhar taciturno perdido no espaço, ou fitando com uma attenção imperturbavel, morbida, a marcha regular dos trabalhos da egreja do Rosario que por aquelle tempo se construía alli, defronte da detenção. Como que sentia um quasi bem estar quando ouvia, embora amortecido pelo tropei estonteado da ventania ululante, os quebros dolentes das trovas singelas e nostalgicas que cantavam os pedreiros martellando demoradamente os grandes blocos de «cabeça de jacaré,» ou a gritaria alegre e satisfeita dos serventes e aprendizes que passavam ástrahidamente, arremangados, sopesando enormes caixões de barro ou de areia alvissima.

E uma grande tristeza, uma angustia indefinivel envolvia todo o seu pobre organismo lapidado pelas mais arduas privações. E uma saudade infinda, innarravel premia-lhe o peito fazendo chegar-lhe ás vezes um penoso soluço recalcado á garganta contrahida.

E' que nessas occasiões se recordava mais nitidamente da sua inutil infancia tão remota, dos outros tempos quando estivera aprendendo aquelle mesmo officio na Januaria. Era então tão pequenino! Jesus! Como aquillo ia longe!...

E como sob as nevoas de um sonho começava a rever-se trabalhando ao lado do pae... E os companheiros de brinquedos! E a liberdade absoluta! E o grande sol fúscante!... Ah! mas tudo passara e, de uma feita, ah, como elle se lembrava! parecia que havia sido na vespera... O pae cahira do alto de um andaime e levaram-n'o para casa todo ensanguentado, já morto,—a bocca muito aberta a escorrer uma baba viscosa e os olhos baços numa expressão de angustia indefinivel!...

Depois a miseria abocanhara toda a choupana... vieram os dias negros de fome e seffrimento... e depois, lembrava-se ainda, viera um branco caridoso que o recolhera e creara com muita estima. Era o pae de José Francisco. Ah, seu capitão Mariano! que homem bom!... Não podia recordar-se daquelles factos sem que as lagrimas lhe accudissem aos olhos resequidos. E «seu» Zé Francisco! E «sa» d. Clara—a mãe d'elle! Jesus! Nem gostava de pensar naquellas coisas.

Quando vieram dizer-lhe que o poder moderador lhe havia

commutação a pena, não teve a mínima emoção. Havia de morrer como um homem, insistia.

## V

E assim realmente aconteceu.

Um dia, manhã cedo, quando o carcereiro abria a porta da prisão para retirar os presos necessários a fachaia, José Apollonio investiu como uma fera brandindo uma enorme baioneta que ninguém soube onde, nem como conseguira.

O pobre homem recuou tateando amedrontado e o cabra, de um pulo, galgou o estreito corredor onde sahiram-lhe immediatamente ao encontro os dez soldados de primeira linha que compunham o destacamento da villa e o sargento Cariri que os commandava.

Travou-se alli mesmo uma lucta medonha. Os ferros entrecrocaram-se com fracasso, rutilantes.

E os torsos contrahidos dos homens empenhados na faina estupefanda da peleja imprevisita tinham como ondulações monstruosas dos contornos gigantescos de um ictyosaurio enormississimo.

Ao transporem o corredor, aos arrecuos, aos trambalhões, o cabra teve um arranco monstruoso para frente,—o ferro fúscou reluzindo aos raios do sol e um soldado rolou mortalmente ferido.

Os outros apertaram o cerco mas o cabra investiu novamente.

E, na rua, onde o povo emulava-se curioso, num espaço mais amplo, a lucta mudou inteiramente de condieção mas não de intensidade. Apollonio como que duplicara de valor. Feria sempre! E a lucta sangrenta tornou-se num odiento combate de morte.

O cabra julgando-se perdido, nem pensava em recuar; investia. Tambem, reflectia, que tinha a perder?!... Ao menos, a morte seria a liberdade. E morreria como um homem!

Passou-lhe pelos olhos como uma nuvem de sangue. A bocca sabia-lhe a sangue! Todo elle era sangue. Estava como tomado de uma vertigem de destruição de extermínio, de morte!

Era medonho; só reconhecia o direito da força.

E, muito conscio de sua coragem e de sua agilidade prodigiosa,—os olhos injectados, as narinas dilatadas, aspirando fortemente o cheiro aere da carnagem, do sangue, a bocca arrepanhada por um rictus sardonico, deixou inteiramente de parte todos os soldados para atacar unicamente o sargento que, a pezar de agil e corajoso, reconheceu logo a superioridade do pulso de aço do adversario de quem mal podia defender-se.

Entretanto, apesar de comprehender perfeitamente, num relance que se batia com um homem perdido que preferia morrer a render-se, voltar para a enxovia, bateu-se como um heroe.

Chamou em seu auxilio todos os recursos da pequena tactica militar que possuia, fez ainda um esforço supremo, mas sentindo-se

cada vez mais enfraquecer e o adversario a avançar para elle com um empenho crescente e uma gana desesperada de acabal-o, de exterminal-o. Idi mesmo, gritou afflictivamente aos camaradas que o cercavam:—matem o homem sinão elle me mata!

A lucta ali tornou-se mcdonha. Os soldados, todos no mesmo tempo, como impellidos por uma mola, provendo a derrota aviltante, a vergonha estupenda de serem batidos por um homem só—elles que pelo numero o supplantavam, investiram então com um furor desconhecido. Mas o cabra tinha colleios ophidicos,—desviava-se, abaixava-se, curvava-se, subdividia-se com uma velocidade prodigiosa. É sempre que erguia o braço o ferro faiscava no espaço e abaixava-se mortifero para erguer-se outra vez.

Inesperadamente, porém, teve como um estremecção desesperada,—deu uma guinada estupenda para a frente e, profundamente ferido no hombro direito, voltou-se como uma cobra cuja cauda tivessem cortado subito, tragicamente feroz, estupendo,—os olhos faiscantes, sangrento, o enorme braço erguido para atacar novamente mas não teve tempo,—uma baioneta trespassou-o de lado a lado e elle, brandindo ainda o ferro homicida, como uma enorme flammula de fogo desfaldada sobre a sinistra cabeça allucinada, rodopiou vertiginosamente sobre os calcanhares e cahia pesadamente, como um fardo, para a frente.

Morreu como um homem, disseram.

E, ainda hoje, quando succumbe algum cabra destimido em lucta reubida, lá para as bandas de Campo-maior, ha como um largo murmúrio de admiração entre os circunstantes entusiasmados:

—Cabeço damnado, morreu como o «Pelinho.»

João Pinheiro.



# POEMA ANTIGO

Que noite má!... Que sonhos maus!... Que pesadelos!...  
Dôres... desilusões... maguas... tédio... desejos...  
Della somente resta o nectar dos seus beijos,  
E o aroma embriagador dos seus negros cabellos.

Olhos claros de Santa e eu já não posso vê-los!  
Falla que luz encerra e os brandos rumorejos  
Das guitarras do Amor. Maguas... tédio... desejos...  
Que noite má!... Que sonhos maus!... Que pesadelos!...

Do prazer não mais restam os minimos estólhos.  
Não sei como viver desolado e tristonho,  
Longe da luz astral que emana dos seus olhos.

Daquella que eu amei e que hoje vive ausente,  
Apenas me ficou como um pesado sonho,  
A lembrança feliz de vel-a novamente.

Recife, 17-8-911.

*Luciãia Freitas.*

## A arvore

Li algures que a estimativa, que os naturalistas dão á longevidade das arvores collossaes que se ainda veem em diversas partes do globo, póde ser verificada «contando-se lhes successivamente os annos, pela transformação do albarno em lenho.» Mas como explicar-se tão admiravel phenómeno vital nesses seres que apenas *crecem e vivem*, assimilando a seiva que da terra haurem, em comparação ao homem, que *crece, vive, sente e pensa*, cultiva o espirito e cultiva esta mesma terra, mas cuja existencia, excepcionalmente, attinge a *duzentos annos*? A explicação, *dada venia* dos que se não levam pela auctoridade biblica, que para o humilde auctor destas despreziosas linhas é ponto principal; a explicação, repito, temol-a em o limite por Deus prescripto á vida humana sobre a terra. O arco-iris, diz-nol-o a sciencia, é um meteóro luminoso, devido á refracção da luz solar pelas gottas de chuva, produzindo as sete côres que lá se desenham em semi-circulo, no horizonte; no entanto, jamais deixará de ser o signal do concerto por Deus feito com o patriarcha Noé, após o diluvio universal.



E quanta veneração nos não inspiram esses gigantes florestaes, que nenhum abalo soffrem com os embates dos faracões, e cujos dias são mais que as próprias folhas; dos que já se foram—um livro historico; dos anciãos—longo pas

sado; da posteridade, que a sabe? ainda um sobrevivente! Tal a vetusta cajazeira que se ostenta em Pedro 2.<sup>o</sup>, neste Estado. A semente, da qual germinára tão bello specimen da Flôra piauhyense, fôra alli plantada, por velhinha centenaria que ha annos fallecêra.

\* \* \*

Do que se segue, poderá o leitor avaliar quão ephémera é a nossa existencia sobre o planêta, quão distantes estamos, em materia de longevidade, das arvores que sobrevivem a tantas gerações!

\* \* \*

«As pyramides do Egypto que eram consideradas até hoje, dizia-se num jornal, ha poucos annos, como uma das coisas mais velhas do mundo, parecem definitivamente batidas, neste *record* de longevidade, por uma arvore do Mexico, á qual os naturalistas attribuem a duração de 6:200 annos. Conhecem-se já arvores de 2:000 e 3:200 annos, taes como o celebre *coteixo* de Hidson, na Inglaterra; de 4:000 como o Paobad d'Africa Central.

O cypreste de Chépultepec, no Mexico, mede 40 metros de circumferencia. O colossal cypreste mexicano é, portanto, si ainda existe, a mais velha das arvores, que ha sobre a terra.

\* \* \*

Por outro lado, o baobab do Senegal ia passando pela maior arvore conhecida. Agora, lê-se noutro jornal, «bateu o *record* da altura das arvores o *Eucalyptus amigdalina* da Australia, que sobe á altura de 120 metros e chega a ter de 40 a 70 metros de circumferencia de tronco.

«Ultimamente, Lord Hopetoun, governador geral da Australia, fez uma visita ao estado de Victoria. Como homenagem e curiosidade lhe prepararam uma bella sala mobiliada elegantemente, com todo o conforto, onde elle dêsse a primeira recepção. Essa sala era escavada no tronco de um *eucalyptus amigdalino*.»

É ahí está como a arvore tira facilmente da terra o *elixir da longa vida*, em quanto que o homem, semelhantemente aos *alchimistas*, o não encontra, por mais que se esforce!

É que a arvore foi o primeiro tecto do homem primitivo: antes que elle cultivasse a terra, já pelo seio da terra, a arvore penetrava as raizes, della haariado a seiva, della vivendo!

Theresina — 1912.

*Augusto Evertton e Silva.*



# Cuore

Presinto-te o pulsar desordenado  
nessa faina brutal, de quando em quando,  
e sei perfeitamente, ó desgraçado,  
que vaes, a pouco e pouco, me matando!

E não tremo! Só sinto o demorado  
do percurso do tempo, recordando  
a te ouvir como um dobre prolongado  
nas cavernas do peito ir reboando...

Afeito á ingratidão irreverente  
e ás iras do rancor ignorado,  
não temo teu furor inconsciente...

Assassina-me, atroz incontentado,  
pois é justo que morra quem somente  
tem vivido por ti sacrificado.

João Pinheiro.

# Jurisprudencia

## Fôro de Therezina

### Sentença

Vistos estes autos de acção cível ordinaria, em que é autor Honorato Ferreira Cabral e ré a fazenda publica estadual. Pede o autor que seja declarado nullo o acto administrativo de 25 de agosto de 1892, emanado do governador do estado, em virtude do qual foi elle demittido do cargo de professor publico vitalicio da villa da Amarração e que seja condemnada a ré a pagar-lhe os vencimentos que tem deixado de receber desde aquella data e os que se forem vencendo até cessarem os effeitos daquelle acto, bem como que lhe mande contar, como de effectivo exercicio, o tempo que tem sido privado de exercer o seu alludido cargo.

Fundamentando o pedido, articula o autor:

- a) que, sendo diplomado pela escola normal desta antiga provincia, foi nomeado por portaria de 10 de fevereiro de 1887, para exercer vitaliciamente a cadeira do primeiro gráo da povoação de Burity dos Lopes (hoje villa do Baixo Longá), na conformidade do regulamento então em vigor;
- b) que, preenchidas as formalidades legais, entrou no exercicio da cadeira para que fôra nomeado, sendo della removido posteriormente para a de Aparecida e, afinal, para a de Amarração;
- c) que estava no exercicio da ultima, quando foi exonerado por uma simples portaria do vice-governador do estado;
- d) que esse acto do poder executivo estadual é manifestamente illegal e attentatoria dos direitos de vitaliciedade adquiridos desde a nomeação do autor e garantidos pela constituição federal, art. 74;
- e) que, por força desse acto illegal, ficou o autor privado do exercicio do seu cargo e dos vencimentos respectivos, assim como da

contagem de tempo para aposentadoria, ficando, portanto, a ré a dever-lhe a importância dos ditos vencimentos.

A ré pelos seus representantes legais, contestou por negação. Posta a causa em prova, nada requereram as partes dentro da dilatação probatoria. O autor arrazoou a fls. 18 e a ré a fls. 24. O que tudo devidamente examinados:

Considerando preliminarmente a justiça estadual para processar e julgar o presente feito, por isso que o autor funda sua intenção numa lei local de que se originam os seus direitos, assegurados pelo art. 74 da Constituição Federal (accordam do Supremo Tribunal Federal, de 13 de abril de 1910, no «Diario Official» n. 203 de 4 de setembro deste anno);

Considerando que a acção intentada é propria para pedir-se a reparação do direito violado na especie e decorre necessariamente desse mesmo direito, visto e mo este não pode existir sem aquella («jus et actio sunt correlata»);

Considerando que, pelo facto de haver a lei n. 221 de 20 de novembro de 1894 creado no fôro federal uma acção especial para o caso de lesão de direitos individuais por acto ou decisões de autoridades administrativas, não se segue que taes direitos estiveram até então desprovidos de acção nem que as justiças estaduais, em casos identicos, tenham tambem necessidades de uma acção especial, desde que o direito lesado possa ser assegurado pelos meios ordinarios, como se praticava na justiça federal antes da lei citada e mesmo depois desta, pois que não foram abolidas as demais acções em uso para semelhantes casos;

Considerando que a prescripção quinquenal do dec. de 12 de novembro de 1851, só applicavel ás dividas da fazenda federal, não se pode estender á fazenda estadual e muito menos á hypothese dos autos, porque se trata duma acção pessoal contra a qual não ha simão a prescripção trintennaria (accordãos do Supremo Tribunal Federal de 6 de junho de 1908 e de 29 de dezembro de 1909, na «Revista de Direito», vol. 17, pags. 319 e 337);

Considerando que o autor foi nomeado para exercer vitaliciamente a cadeira de professor publico de primeiras letras, na vigencia do regulamento provincial n. 93, de 4 de agosto de 1883, e que, nos termos do art. 57 desse regulamento, o provimento em qualquer cadeira era considerado vitalicio;

Considerando que, empossado legalmente do seu cargo e depois de cinco annos de magisterio, quando se achava o autor em exercicio na villa de Amarragão, para onde fôra transferido, foi destituído do mesmo cargo pelo acto do poder administrativo estadual, de 25 de agosto de 1892;

Considerando que o acto da destituição do autor attenta contra os seus direitos de vitaliciedade, adquiridos desde a sua nomea-

ção, em virtude da lei que a autorizou, e sustentados pelo art. 74 da const. federal;

Considerando que o dispositivo do art. 99 da const. estadual não pode prevalecer contra os dos arts. 74 e 11 § 3.º da carta magna da Republica;

Por estes fundamentos e o mais que dos autos consta, julgo procedente a acção proposta, para annullar, como annullo, por illegal e inconstitucional, o acto do poder executivo do estado, que exonerou o autor Honorato Ferreira Cabral do cargo de professor publico vitalicio da villa da Amarração, e condemno a ré, fazenda publica estadual, a pagar-lhe os vencimentos que ha deixado de receber desde a exoneração, á razão de setecentos e vinte mil réis annuos, quanto percebia no anno de 1892, quando foi exonerado, mais os juros da móra e as custas do processo, contando-se para todos os effeitos o lapso de tempo decorrido desde o referido acto. Publique-se e intemem-se as partes.

Therezina, 26 de outubro de 1910.

*Arthur Furtado de Albuquerque Cavalcante.*



# Revolta Sangrenta

Dois lírios, com pesar,  
E dois lilazes, nãa magua infinda,  
Vieram-me contar  
Um crime teu, accrescentado, ainda,  
Que desejavam punição severa.  
Ias tu passeando ( assim disseram )  
Pelo jardim formoso onde viviam,  
Nãa manhã azul de primavera.  
Os amantes, de subito, fizeram  
Um gesto triste, quando lhes sorriam.  
E foi tão grande o mal  
Que as pobrezinhas todas, deslumbradas,  
Cairam numa syncope fatal.

São palavras ousadas  
Do que primeiro me fallou, um lírio:  
«Meu bom amigo, sinto-me doente.  
E' tão agudo, grande, o meu martyrio,  
Que hei de vingar-me, justiceiramente.  
Como viver si minha noiva amada,  
A casta rosa do meu coração,  
Barbaramente foi assassinada  
Por aquella mulher sem compaixão?  
Não teve pena de roubar-lhe a vida,  
Não teve pena de, tambem, matar-me,  
Ella, que chamas de compadecida?  
Hei de, cruel, vingar-me!  
Não mais consolação na vida resta  
Para quem chora a ultima illusão.  
Quem vive numa dor assim funesta  
Não acha, em nada mais, consolação.

E de ora em diante como estar sozinho,  
Do sol nascente aos rutilos lampejos,  
E á sesta e á tarde, viuvo de carinho,  
Orphão de abraços, esmolando beijos?!  
Ah! não perdão tão fatal delicto!  
Ah! não desculpo semelhante crime!  
Matar a minha noiva, o mais bonito  
Dos sonhos ideaes, o mais sublime!!

Em prantos se diluía o pobre amante,  
Em lagrimas purissimas, serenas,  
Somente por passares triumphante  
E por matares rosas e açucenas.  
Eu bem comprehendí a suador.  
Uma esperança, só não lhe restava.

Meu encantado amor,  
A duvida me abate esta alta escrava,  
Porém, talvez, no deslizar dos dias,  
Porém, talvez, no decorrer dos annos,  
Possas tu me acabar as agonias,  
Libertar-me de males tão tyrannos.  
Acompanha-me, pois, num sonho, ainda,  
Embora envolto em bruma,  
Este sonho doirado não se finda  
Como flocos de espuma.

Não mais fallou o lirio. Soluçava,  
Num desespero que me commovia;  
Os abraços nervoticos lembrava,  
E, recordando-os, muito mais soffria.  
Um lilaz então disse,  
Com lagrimas sentidas:  
«Amigo, alguém que visse  
De minha amada as faces murchecidas,  
Choraria de pena.  
E ella vaidosa, a passear, cantando,  
Sem piedade matou minha açucena!  
Só para tua humanidade appello.  
Soffrimentos contar é renovar-os.  
Que mais verei de encantador e bello?!  
Os mais lilazes... poderei fital-os  
Os namorados estreitando ao peito,  
Tendo tudo perdido,  
Tendo tudo desfeito,  
Num soluçar eterno, indefinido?!

E fallaram depois  
O outro lirio e um lilaz,  
Revoltados òs dois,  
Como qualquer um namorado faz,  
Como qualquer faria;  
Queixaram-se tambem.  
Senti a força, então, da cobardia,  
Cobardia sem fim de quem não tem  
Alguma autoridade  
Em tal necessidade.  
Não prometti um unico reparo.  
«Previno de que, embora occultamente.  
Matal-a iremos, desferrando a injuria.  
O preço não é caro.»  
Tornei-me frio, desgraçadamente,  
Ante o indício feroz de sua furia.  
Cuidado, pois, minha amiguinha! Armados  
Andam todos os lirios e lilazes;  
Não querem, revoltados,  
Um tratado de pazes.

Oliveira Roma.



# Direito Constitucional

Podem os Estados tributar os seus productos que se destinam a outros pontos da União?

Quando exercia, em 1906, o cargo de Promotor Público da comarca desta capital, tive, como advogado nato do Estado, de sustentar affirmativamente a presente these, hoje perfeitamente elucidada pela jurisprudencia firmada no Supremo Tribunal Federal. Naquelle tempo, alguns exportadores de gado, deste para o Estado do Pará, se oppuzeram ao pagamento do imposto de 3\$000, então cobrado por cabeça de gado vaccum masculino retirado do territorio do Estado, allegando que só havia exportação para o exterior do país e que a leifederal n. 1185 de 11 de junho de 1904 tornava livre o intercurso de mercadorias. Sob estes fundamentos, requereram e obtiveram da justiça federal um mandado prohibitorio que os acobertou das exigencias do representante do fisco estadual.

Impugnando semelhante modo de ver, contrario ao nosso direito constitucional e lesivo aos interesses do Estado, procurei demonstrar:

a) que a importação como a exportação tanto pode ter logar de país a país, como de Estado a Estado e até de municipio a municipio;

b) que os Estados têm o direito de decretar impostos sobre mercadorias de sua propria producção, sendo, portanto, legal o imposto tributado pelo Estado;

c) que a lei n. 1185 de 11 de junho de 1904 e o seu respectivo regulamento não vedam o imposto de exportação, mas apenas tributar o intercurso;

d) que *exportação* e *intercurso* são cousas distintas.

\* \* \*

O art. 1 da Const. Fed., discriminando as attribuições privativas da União, diz, em o seu numero 1, que é de sua competencia decretar *impostos sobre a importação de procedencia estrangeira*.

Estabelece, como se vê, pelo modo por que é redigido, duas especies de importação: a de procedencia estrangeira e a de procedencia dos Estados ou nacional.

Esta distincção não é, aliás, criação da moderna constituição republicana.

Já em tempos idos, quando se levantou a questão de saber se as provincias podiam, ou não, decretar impostos de importação e exportação, ella ficou bem firmada mesmo entre os publicistas mais conservadores do Imperio. Assim é que Uruguay diz que as Assembléas Provinciaes podem tributar:

I—Sobre productos importados nas Provincias do Imperio de paises estrangeiros.

II—Sobre productos importados nas Provincias, *de outras tambem do Imperio*.

III—Sobre productos importados nos municipios, *de outros da mesma provincia*.

(*Estudos Práticos*, Tomo I, pag. 277). Aqui estão, pois, esboçados, os principios acceitos pela constituição de 24 de feveiro.

Preseguindo a respeito da classificação feita, acrescenta o citado escriptor:

«No primeiro caso não pode haver sombra de duvida de que violam (as Provincias) abertamente o Acto Adicional.

Quanto ao segundo e ao terceiro distinguirei.

Ou os productos sobre os quaes recae o imposto provincial ou municipal são de procedencia estrangeira, primiti-

vamente importados no Imperio—ou produzidos nas Províncias e municipios do mesmo Imperio.

Si são importados no Imperio do exterior, o imposto, embora não cobrado no acto da entrada no mesmo Imperio, reduzindo o consumo, tem o mesmo effeito, ataca e reduz a importação e a renda geral della proveniente.

Está comprehendido no art. 12 do Acto Adicional.

Si são productos de outras Províncias do Imperio ou de outros municipios da mesma Província, não se dá a razão politica em que se funda o art. 12 do Acto Adicional. Não pôde vir dahi alteração nas relações internacionaes.

E' o proprio Visconde do Uruguay, um dos mais intransigentes adversarios das tendencias expansionistas das antigas provincias, quem por esta fórma se manifesta. Reconhecendo inconvenientes e males nesta faculdade das provincias, verificou, todavia, que nem a razão politica do art. 12, nem os prejuizos para os impostos geraes, attendidos pelo art. 20 do Acto Adicional e decorrentes dessa faculdade, tolhiam as provincias de cobrar a importação de productos de outras provincias, ou de municipios da mesma provincia.

Por mais de uma vez as provincias os decretaram, sendo tambem, por mais de uma vez, considerados inconstitucionaes.

A centralização teve, porém, de ceder ás exigencias da época. O Imperador começou a mandar submeter esses casos á consideração da Assembléa Geral e, por fim, conformando-se com a consulta de 22 de março de 1849, declarou que não era contra a lei a decretação de impostos de exportação feita pelas provincias.

De triumpho em triumpho, ellas chegaram a decretar tanto a exportação, como a importação. E apesar da corrente dos que viam nessa aspiração um perigo para o centro, as varias commissões encarregadas de dar parecer acêrca das reclamações que nesse sentido eram enviadas á côrte, deixaram sobre as mesmas de emitir opinião.

As duas especies de importação eram conhecidas por

aquelle tempo, só tratando o Acto Addicional da importação estrangeira. Alves Branco, falando a respeito, diz que a provisão de 7 de abril de 1818 deu particularmente o nome de direito de importação áquelle que pagavam as mercadorias que vinham do estrangeiro, e só a estes direitos se refere o acto addicional.

A provisão deu ao vocabulo o sentido literal, particular, restricto, mas o Acto Addicional reservando para si *somente* os direitos sobre importação estrangeira, deixou campo ás provincias tributarem a de procedencia nacional.

Com esta dualidade de significação, passou o termo do antigo para o nosso actual regimen. Possuimos as duas especies de importação : estrangeira ou internacional e nacional ou interestadual. A este respeito, os nossos publicistas são de uma clareza sem par. João Barbalho, entre os mais conspicuos, diz que «a palavra *importação*, além de seu sentido tecnico e scientifico, passára entre nós, no *anterior regimen*, a admittir no uso vulgar e official, por extensão, significação comprehensiva da introduccão de effeitos mercantis de umas em outras provincias», de modo que de bom aviso foi de certo, a nova Constituição, admittindo a locução —de procedencia estrangeira—, para evitar duvidas em materia tão importante.» (*Comm. à Const. Fed.* pag. 29.)

Pelos termos do art. 7, a União reservou para si unicamente a importação estrangeira, e não tendo prohibido aos Estados tributar a importação interestadual, entende-se que tenham estes permissão para o fazer. Pelo menos, é esta a doutrina suffragada pelos mais insignes constitucionalistas.

Hare, na sua *Constituição Americana*, diz que a prohibição dos Estados tributarem a importação não se applica «às mercadorias importadas de outros estados». E João Barbalho, com a sua autoridade, affirma convir notar que nos Estados Unidos não se consideram inconstitucionaes os impostos estadaues sobre mercadorias oriundas de outros Estados, quando já estejam incorporadas á massa geral dos effeitos mercantis e em gyro commercial dentro do Estado em que tenham tido entrada. (*Op. cit.* pag. 30).

Não pode sofrer contestação o exercício desta faculdade concedida aos Estados. A duvida, em principio, consistiu em saber o momento em que a mercadoria estrangeira ou nacional perdia o caracter específico e caia sobre a acção tributaria do Estado. Hoje esta duvida está completamente elucidada. Hare pensa que depois de ter a mercadoria «passado das mãos do importador e se convertido em uma parte dessa massa da propriedade movel que é objecto da jurisdicção do Estado», este pode livremente exercer o direito de tributa-la. Backer, em sua *Constituição Ann-tada*, diz que as mercadorias que se misturam com outras para o trafico commercial, «são tributaveis como qualquer outra propriedade».

É para citar a opinião de um brasileiro notavel, basta que para aqui transcrevamos as palavras de Amaro Cavalcanti. Diz elle: «Desde que a mercadoria estrangeira, depois de haver pago nas alfandegas do país os direitos de entrada (importação), é entregue ao consumo no territorio de um Estado, incorporando-se, por assim dizer, á massa geral dos mais productos que constituem a sua riqueza movel— ella perde, de todo, o seu caracter de importação estrangeira e torna-se tributavel, como qualquer outra materia da competencia do poder estadual» (*Regimen Federativo, Rio de Janeiro. 1900*).

Os principios até aqui expostos têm dito respeito apenas a importação. Sabidas, porém, como são, as relações existentes entre importação e exportação, tudo que se refere a uma pode se applicar a outra. Não foi, porém, só a analogia que me fez assim proceder. Desejei mostrar que se os Estados podem tributar a importação nacional e até a estrangeira, dadas as circumstancias estabelecidas, com maioria de razão podem usar da faculdade que lhes é assegurada livremente pelo art. 9 n. 1 da Const. Fed. Segundo este artigo, compete aos Estados decretar impostos sobre a exportação de mercadorias de sua propria producção, sem distinguir a nacional da estrangeira. A despeito, todavia, do modo por que está redigido o artigo, do seu historico e da accepção que na technica fiscal têm

os termos—importação e exportação—, o Supremo Tribunal Federal em Accordam de 23 de maio de 1896, publicado no *Diario Official* n.º 163 de 18 de junho do mesmo anno, negou competencia aos Estados para tributarem tanto a importação, como a exportação nacionaes.

Esta decisão, ferindo fundamente os interesses economicos dos Estados, foi levada ao seio do Congresso Nacional, que nomeou uma commissão de seis membros para estudar o assumpto e elucidar num projecto de lei a verdadeira interpretação que devia ter o texto constitucional. O estudo feito pela commissão da historia do imposto de exportação interestadual no Brazil mostrou formalmente a sua constitucionalidade e concluiu affirmando que os Estados podiam legislar sobre a exportação tanto nacional como estrangeira,

O dr. Amaro Cavalcanti, como membro que havia sido da Commissão Revisora do projecto de Constituição, levou a questão para a imprensa, e appellando para os seus companheiros de trabalhos, a quasi unanimidade delles affirmou que a idéa dominante entre os constituintes era favoravel aos Estados. Se assim se manifestar: os proprios confeccionadores da Constituição, sustentar o contrario é inverter o espirito da lei e a intenção do legislador.

Releva notar ainda que a interpretação restrictiva reduziria alguns Estados a condição de não poderem subsistir, ou porque «os seus productos, pela qualidade, e outras razões differentes, só têm consumo no pais, ou porque não seja possivel dar-lhe saída directa (exportação no sentido restricto) para os portos estrangeiros». E esta razão não é de somenos valor, porque a prevalecer o modo de ser impugnado, a Constituição teria collocado os Estados em disigualdade de condições, o que iria ferir o disposto no art. 8 que não admitte «destinções e preferencias em favor dos portos de uns contra os de outros Estados».

Como um remate, porém, a disputa, a commissão do Congresso confeccionou o projecto de lei que se transformou na lei n.º 410, de 14 de novembro de 1896, a qual dava aos Estados a permissão de tributar os seus productos que sa-

hiam do seu territorio. Manifestando-se, depois, o Supremo Tribunal, em Accordams n.º 92 e 98 de 13 e 17 de fevereiro de 1897, doutrinava que «o imposto de exportação de generos do país, de um para outros Estados da Republica, não offende ao art. 7 n.º 2, nem ao art. 11 n.º 1 e art. n.º 34, n.º 5 da Constituição».

Ficou, destarte, firmada verdadeira doutrina que em nada foi alterada pela lei n.º 1185, de 11 de junho de 1904, que tornou livre o intercurso de mercadorias nacionaes ou estrangeiras quando objecto de commercio dos Estados entre si e com o Districto Federal, salvando a hypothese do n.º 1 do art. 9 da Const., que trata da exportação.

O modo de ser contrario, assenta na má comprehensão dada a lei n.º 1185, que, de accordo com a Const., torna livre o intercurso de mercadorias nacionaes, isto é, veda a tribulação ao commercio de cabotagem. Ha aqui uma lamentavel confusão. A lei citada prohibe o lançamento de impostos sobre a cabotagem, isto é, a navegação pela costa do país, de cabo a cabo, a entrada e sahida de navios, a carga e descarga, etc., mas não sobre a sahida de mercadorias de producção do Estado. São cousas inteiramente distinctas e facilmente perceptíveis. O Accordam n.º 1373 de 17 de junho de 1908 considerando que, «conforme a Constituição Federal, art. 9, n.º 1, pertence aos Estados a tributaçào da exportação dos seus productos, quer para o exterior, quer para outros Estados da União», veio, de vez, dissipar qualquer duvida que o assumpto podesse ainda comportar.

Assim, pois, em face do exposto, não pode admittir contestação séria a sustentação pela affirmativa da these supra.

Mathias Olympio.



# O RIO

Calmamente, o rio, a espelhar, levemente se enruga  
Na crêspa ondulação de um cómodo de areia...  
Corre á abertura de um vale, e, claro, serpenteia  
Pelo seio da mata, em marulhante fuga...

Nas margens, que a agua molha e o sol doirado enchuga,  
A' hora média da sésta, ha um calor que esbrazeia,  
F, inda cêdo, a correr quiêto, sem uma ruga,  
Dorme o rio sereno entre o hervaçal que ondêa...

Antes não fosse o rio assim quiêto, não fosse,  
Imperturbavelmente imóvel e sereno,  
Frio, na placidez da agua gelada e doce...

Que elle, sempre a cantar entre serras e montes,  
A vida inteira leve, indefinido e ameno  
A escorrer do olhar frio e humido das fontes...

U. Brandão

## NOTAS E IMPRESSÕES (1)

Em todos os tempos, diz o eminente criminalista e sociologo emerito, barão Raphael de Garofalo, phantasiou-se uma humanidade emancipada e liberta da lucta pela vida, bebendo perennemente em fontes inexauriveis to las as doçuras da existencia. Effectivamente, a ella referiram-se philosophos, como Platão; cantaram-na poetas, como Ovidio e Virgilio; e essa aspiração nascida, talvez, no alvorecer das sociedades, no desabrochar da vida social, ainda hoje, no seculo da positividade scientifica, encontra, como encontrará sempre, agasalho na imaginação dos homens.

O socialismo, sonhando com tamanha felicidade para o genero humano,—é a consequencia logica d'essa aspiração suprema, é a manifestação perfeita d'esse ideal arrebatador e sublime dos homens, jamais resignados diante do determinismo severo e fatal que os envolve, do «condicionalismo cosmico» e social da sua especie,—da implacabilidade terrivel das irrevogaveis leis da natureza, e sempre idealizando essas «edades de ouro» em que, triumphantes, pretendem entoar os hymnos da victoria. Remonta a um passado longinquo, sem que determinar se possuam as suas origens que se perdem na vastidão immensa dos seculos que se foram; mas encontram-o em evidencia em diversos pontos desse caminho immensuravel, regado de lagrimas e sangue, percorrido pela humanidade em seu difficultoso e lento evoluir, em diferentes momentos da historia dos povos,—empolgando os espiritos, firmando convicções, fazendo proselytos e procurando sempre despir as bellas roupagens da phantasia, os adornos encantadores de generosa utopia, descer dos paramos da imaginação e passar para o terreno espinhoso e escorregadio da pratica, no intuito de objectivar-se de tornar-se uma realidade. De taes tentativas nos dão exemplos memoraveis—a Grecia, em seus tempos heroicos, Roma, na epoca das leis agrarias e dos Gracchos, a China, no seculo XI, a França, quasi em nossos dias.

---

(1) Este trabalho já foi publicado no «Diario do Piahy»; o auctor, renovando agora a sua publicação, faz algumas modificações.

E em todas essas occasiões, contrariando as leis immutaveis e eternas que estabelecem a ordem e o equilibrio dos mundos, — tentando o absurdo de querer mudar a natureza humana a golpes de decretos, produziu agitações, occasionou desastres, ruinas, phenomenos de retrocesso e os seus tentamens, como ondas que se quebram contra rochedos, desfizeram-se de encontro ao bloco formidavel das leis naturaes.

E' que, como muito bem diz Leon Bourgeois (La Solidarité), — «tudo que fôr tentado fora dessas grandes leis ou contra ellas, é futil e condemnado de antemão ao nada. — Os systemas dos reformadores, reconstituindo o mundo social á imagem dos seus sonhos, — sejam embora sonhos genies — têm tanta realidade e probabilidade de exito como o systema de Ptolomeu.» E' que, escreve Geley (Les Preuves du Transformisme), — assim como não ha a omnipotencia d'um deus capaz de mudar o mundo pelo unico esforço da sua vontade, não ha tambem um regimen, um systema de governo qualquer que seja, capaz de decretar d'un-dia para o outro a transformação da humanidade.

Entretanto, apesar das insophismaveis lições da experiencia e da historia, dos ensinamentos das sciencias positivas, o socialismo perde em nossos dias, o cunho utopista e essencialmente romantico que teve outr'ora com Bellamy, Saint-Simon, Owen Fourier e muitos outros, — causando-nos a mais profunda impressão esse movimento socialista que, cada vez mais intenso, mais forte, mais impetuoso, se desenrola na Belgica, na Hespanha, na Italia, na França, na Russia, em summa, em todos os paizes europeos e em muitos do continente americano e que, — «synthese de um conjuncto de aspirações, de crenças e de ideias de reforma que apaixonam profundamente os espiritos, os governos temem os legisladores tratam com reverencias e attenção e os povos vêm como a aurora de novos destinos.»

Nunca, de certo, a doutrina socialista attingiu a um tão alto grão de intensidade, a tão elevadas proporções, nunca foi apregoada, evangelisada com tanto arder, zelo, tamanha convicção, fé profunda e inabalavel, como no momento historico que atravessamos. Mas tambem nunca foram tão grandes os desequilibrios entre as necessidades humanas e os meios de satisfazelas! É por isso mesmo, affirmam apavorados os proceres da sciencia, — jamais offereceu maior perigo ás instituições, civilisação e tranquillidade dos povos. —

Promette o socialismo uma felicidade humana consistente na destruição da sociedade moderna, substituida por uma sociedade nova, sem os vicios, as injustiças e as iniquidades de hoje, propositalmente pintados com as mais vivas e mais negras cores. E livros e monographias, revistas e jornaes que surgem de todos os pontos do mundo civilizado, espalham por todos os angulos do planeta, envoltas em densas nuvens de ameaças de destruição, de aniquilamento das conquistas até agora

realizadas, essas velhas, porém magicas promessas do socialismo. E em taes condições, os seus adeptos augmentam, as suas phalanges fortificam-se, as suas fileiras engrossam dia a dia com as legiões enormes dos descontentes, dos «declassés», que pululam por toda parte, e o movimento de mais a mais propaga-se, diffunde-se por todos os recantos do globo, em quanto o reccio cresce e apodera-se da burguezia, das classes dirigentes, que, assustadas, atemorizadas, assistem a audacia das reivindicações diarias dessa doutrina que toma terreno, penetra nos parlamentos, arrebatá, subjuga e domina as multidões. —

«Proletariado do mundo inteiro uni-vos»! — é o grito fatidico que echôa por todos os lados e serve de lemma ás hostes dos socialistas revolucionarios. E a união operaria que se universalisa, a rivalidade crescente entre patrões e operarios, o abysmo que cada vez maior se abre entre burguezes e proletarios, as manifestações constantes destes por meio das greves, as suas explosões á dynamite, as transformações operadas no mundo economico pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento das industrias o desequilibrio entre as necessidades modernas e os meios de satisfazê-las, a cêde de riquezas, e inqualificavel abuso dos grandes capitalistas, a lé em uma sociedade nova, onde todos tenham conforme o seu trabalho e de accordo com as suas necessidades, o afrouxamento dos laços de velhas e tradicionais crenças, — são pronunciados symptomas de extraordinarios acontecimentos.

Os horisontes sociais carregados, assim, de odios, de ambições, de desejos de reformas, prenunciam, dizem os sociologos, formidaveis tempestades no futuro. —

•••

O socialismo, na sua marcha rapida e assombrosa, assume aspectos diversos e acha-se fraccionado em diversas seitas que, antagonicas quanto aos meios de acção, são, todavia, identicas no mesmo entranhado odio aos proprietarios á burguezia, em geral estigmatizada e ameaçada de completa ruina. São perfeitamente iguaes quanto ao fim que collimam: — a supressão do estado politico e a destruição de todo o moderno aparelho social, — substituido por outro em que não haja os vicios, as injustiças, as iniquidades de hoje, em que desapareçam o systema de propriedade privada, os monopolios, o regimen do salario e em que se estabeleça, fatalmente, a igualdade das condições. — E por conseguinte, por mais diferentes que pareçam todas as seitas socialistas, são, em resumo, collectivistas. — A implantação desse systema social constitue a aspiração suprema, constitue o ponto para onde todas convergem, embora por diferentes vias. E é justamente esta, a opinião de Gustavo Le Bon (*Psychologie du Socialisme*), quando diz que as doutrinas socialistas, muito variadas em suas par-

ticularidades, são, todavia, muito semelhantes em seus princípios e, no fundo synthetizam-se no collectivismo.

Este, em synthese, importa no funcionamento de um mechanismo social em que a propriedade será collectiva, pela socialização do solo, dos capitães e dos instrumentos de trabalho e em que o estado ou coisa que o valha, se encarregará de manter tudo, prover tudo e curar de tudo e de evitar a reprodução na sociedade nova, assim apparelhada, dos males apontados no organismo social destruido; importa, portanto, num mechanismo social em que desaparecerão por completo a lucta, a concorrência, a iniciativa, a vontade, a liberdade individual.—

Nada, porem, mais contrario a evolução da vida em sociedade! Nada mais absurdo e em mais completo antagonismo com a lei do progresso, a razão e a natureza humana!

O collectivismo é um typo de sociedade característico da homogeneidade primitiva e o progresso, prova-nos Herbert Spencer, (Leis e Causas do Progresso) realiza-se do simples para o complexo, do homogenio para o heterogenio. Implantar o collectivismo será, pois, um phenomeno de retrocesso; um recuo ás épocas do desabrochar da humanidade, em que o homem ensaiava os primeiros passos da sua marcha evolutiva.

«A evolução humana considerada sob todos os seus aspectos, consiste, segundo Vanni, num processo de individualisação; e a historia da evolução jurídica «revela no reconhecimento da autonomia individual um dos mais seguros indícios do progresso do direito.» A liberdade individual, diz Garofalo, (Superstição Socialista) é a característica das civilizações avançadas e no curso dos tempos o individuo destacou-se sempre e cada vez mais da communidade. O collectivismo é portanto, retrogrado, em face da historia; e o retrocesso que por vezes elle tem realiado, interrompendo a natural evolução das instituições sociais, foi sempre deplorado como um desastre.—

Entretanto, o movimento socialista alastra-se, propaga-se com rapidez e sombrosa, ao mesmo tempo que é visto pelas multidões, na Hespanha, na França, na Italia, na Belgica, na Alemanha, na Inglaterra, em quasi todos os centros civilizados do mundo,—como a alvorada de uma nova vida social, como a mais sublime das concepções humanas, em cuja realização completa se vêm o descorrimo de novos e mais amplos horizontes, o bem-estar edenico dos povos.

E o peor de tudo é que o socialismo, depois de tentar, debalde, conciliar-se com a sciencia, depois que homens superiores como Enrico Ferri, desenvolveram neste sentido esforços inutilitos, descamba para o terreno das crenças religiosas.—E' presentemente, mais uma nova crença, uma nova fé que se casia para surgir de um ambrão de deuses que perdem o seu prestigio e desaparecem.

Foi Karl Max, um dos mais intemeratos campeões do socialismo

alemão, quem primeiro levantou a idéa de um «socialismo» scientifico, quem emprestou á essa doutrina um falso rotulo de theoria scientifica, amparado depois pelo destimado Bebel, na Allemanha, pelo valoroso Ferri, na Italia e por toda essa serie de socialistas vermelhos que, não contentes ainda com a pretendida assistencia da sciencia, que invocam para as suas theorias, ameaçam, por meio de uma revolução, demolir o hodierno edificio social, com todo seu patrimonio moral e juridico, com todas as suas instituições, leis, costumes, etc., — producto de um longo passado, conquista d'uma lenta e difficullosa evolução, atravez dos seculos e das edades! Confiam na evolução que tentam provar ser favorivel ás aspirações socialistas e, no entanto, appellam para a revolução como meio de conseguir o triumpho final das suas idéias!

Mas, o supposto socialismo scientifico já tem a sua fôrmal condemnação, — lavrada por Spencer, Le Roi Beaulieu, Garofalo, Julio de Mattos, Yves de Guiot, Gustavo Le Bon e por muitos outros luminares da sociologia e, hoje, não resiste mais os embates serios da critica.

O que impressiona, o que se torna mais serio, mais digno de maxima attenção e de estudo é que, sendo infructifero o «connubio» tentado entre o socialismo e a sciencia, diz o notavel sociologo Raphael de Garofalo (obr. cit.), os socialistas bradam: — «Que nos importam a nós, p r fim, Darwin e Spencer? São acaso infalliveis estes escriptores? Nós «cremos» que o collectivismo é mais humano e justo que o individualismo e «que a sociedade deve transformar-se por modo a realizar aquelle ideal»; é que, com o ardor de verdadeiros crentes, surdos aos ensinamentos da razão e da logica, dão ás suas doutrinas innovadoras uma feição de um novo credo, cujos dogmas são expostos por entre promessas de uma felicidade futura, em uma sociedade em que não haverá classes, propriedade privada, patrão, nem proletario e em que cada um terá segundo os seus trabalhos e as suas necessidades, sendo todos social e economicamente iguaes.

De facto, em quanto aspiração collectivista, fazendo emergir de uma futura equivalencia de condições economicas a definitiva felicidade humana, escreve Julio de Mattos, (Superstição Socialista, prefacio) o socialismo não passa de uma nova «religião», sem Deus, é certo, mas com dogmas, com prophetas, com apostolos, com intolerancias, com luctas, com martyres e até com procissões, absolutamente vasada nos persistentes moldes ancestraes das suas irmãs theologicas. Nascce, como o christianismo, de um utopico desejo nivelador das infimas classes sociaes e tira, como elle, toda a sua força nascente de um velho e inextincto odio do pobre, sempre lisonjeado, contra o rico, sempre coberto de ultrages e illaqueado de ameaças. E é justamente nesta feição religiosa que residem algumas pro-

babilidades de successo para as doutrinas socialistas, que se concentra toda a sua força, porque em materia de crença não ha discussão que aproveite, e, como conscienciosamente demonstra Le Bon (obr. cit) — «a victoria de nenhuma crença depende da parte de verdade ou de erro que pode conter, mas unicamente dos sentimentos que faz-seer e dos devotamentos que inspira. As multidões não têm nem scepticismo, nem espirito de critica. O credo politico, religioso ou social, acceito por ellas, é sempre adoptado sem discussão» —

Assim, diz esse eminente sociologo, tendo-se em vista os afrouxamentos dos laços de velhas crenças, a simplicidade das «formulas» socialistas accessiveis a todos os espiritos, as suas ligações intimas com as crenças que desapparecem, os devotamentos profundos que cêta em todas as camadas sociaes, é possível suppôr que o socialismo, como um novo creão, triumpho um dia; mas o seu reinado será ephemero. Ao contrario das outras religiões que promettem as recompensas para uma vida futura, de além tumulo, as suas promessas se realizarão na terra e estas, estando em contradicção plena com as immutaveis leis da natureza — «chocar-se-ão fatalmente, com as necessidades economicas e psychologicas sobre as quaes nada consegue o poder humano.» —

Effectivamente, sob este aspecto por que se manifesta o socialismo, visto como em novo credo, já contando os seus martyres, como um ideal redemptor no meio de odios e de paixões, de exaltamentos e de miserias, — pode vencer um dia, mas essa sua victoria não será differente das que já tem tido em ligeiros momentos da historia da humanidade; não será menor ephemera do que foi na antiguidade e mêmso nos tempos modernos, — na Grecia, Roma, China e França. — Com ella não conseguira sinão perturbações e castastrophes terriveis, desastres e ruinas insondaveis, porque impunemente não se contrariam as leis immutaveis e permanentes, as quaes está submettida a natureza humana.

Passará como um raio demolidor, deixando após sua passagem cinzas e sangue, e a sociedade humana continuará a mesma, com os mesmos defeitos e os mesmos vicios! E a desigualdade que elle sonha destruir no mundo social, subsistirá sempre, como natural e eterna consequencia da lucta e do progresso!

Assim como um determinismo implacavel domina o universo, — uma desigualdade inamovivel ostenta-se, soberana, por toda parte, como o resultado fatal das grandes leis que regem a ordem e a natureza das cousas. E essas ideas igualitarias, esses sonhos niveladores que atordoam os cerebros escaldados dos fogosos socialistas, encantam e dominam as multidões, — não passam de miragens enganadoras que conduzem á inscondaveis abyssos. —

Não reprovamos absolutamente essas associações operarias que